

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Lato Sensu em Língua Brasileira de Sinais  
Trabalho de Conclusão de Curso**

**O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS COMO RECURSO  
PARA A APRENDIZAGEM DO SURDO NO ENSINO FUNDAMENTAL:  
UM ESTUDO COM BASE NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA  
DO DISTRITO FEDERAL**

**Autora: Marília Gabriela da Silva  
Orientadora: MSc. Layane Rodrigues de Lima Santos**

**Brasília - DF  
2013**

**MARÍLIA GABRIELA DA SILVA**

**O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS COMO RECURSO PARA A APRENDIZAGEM DO SURDO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO COM BASE NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Brasileira de Sinais da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Libras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. MSc. Layane Rodrigues de Lima Santos

**Brasília  
2013**



Monografia de autoria de Marília Gabriela da Silva, intitulada “O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS COMO RECURSO PARA A APRENDIZAGEM DO SURDO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO COM BASE NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL”, apresentada como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Língua Brasileira de Sinais da Universidade Católica de Brasília, em quatro de Junho de 2013, defendida e/ou aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof<sup>ª</sup>. MSc. Layane Rodrigues de Lima Santos  
Orientadora  
LIBRAS / Programa de Pós – Graduação *Lato Sensu* - UCB

---

Prof<sup>ª</sup>. MSc. Olga Cristina Rocha de Freitas  
Examinadora  
LIBRAS / Programa de Pós – Graduação *Lato Sensu* - UCB

**Brasília  
2013**

Dedico este trabalho aos meus pais, Walter e Fátima, que apesar da pouca instrução acadêmica, considero gênios, que sabiamente me inseriram conceitos e valores com a riqueza que jamais tive acesso em qualquer outra instituição. Ensinaram-me que adversidades são vencidas com trabalho, perseverança e fé em Deus. Que é preciso lutar pelos sonhos, e que o respeito ao próximo é fundamental para se prosperar na vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, por me proporcionar vida e saúde, tornando possível mais esta conquista. À minha família, que é a minha maior incentivadora. À todos os alunos e professoras que colaboraram com minha pesquisa de campo. À todas as minhas colegas de classe e aos professores do curso de Pós – Graduação em Libras da UCB, pelos conhecimentos transmitidos e em especial à minha orientadora Layane Santos, fundamental na construção deste trabalho.

*”A gaivota cresceu e voa com suas próprias asas. Olho do mesmo modo como que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngues. Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo.”*

*Emmanuelle Laborit*

## RESUMO

SILVA, M. G. **O uso de materiais didáticos adaptados como recurso para a aprendizagem do surdo no ensino fundamental: um estudo com base no contexto de uma escola pública do Distrito Federal.** 2013. 62. *Lato Sensu* em Libras, Universidade Católica de Brasília, Brasília.

O presente estudo elucida como a aprendizagem de alunos surdos é favorecida com a utilização de materiais didáticos adaptados às suas especificidades. A pesquisa possui caráter qualitativo, descritivo, exploratório, sendo a investigação do tema desenvolvida no contexto de uma escola pública do Distrito Federal. O objetivo geral foi identificar quais materiais didáticos estão sendo utilizados na escolarização de alunos surdos e quais os resultados gerados. Os pressupostos teóricos que forneceram subsídios à pesquisa basearam-se na literatura acerca do tema e em conhecimentos adquiridos pela pesquisadora nas disciplinas do curso de Especialização em Libras da Universidade Católica de Brasília. A metodologia foi composta pela observação de duas alunas surdas em sala de aula e sala de recursos, análise de questionário aplicado a seis professoras e análise do material disponível na escola para o ensino a alunos surdos. Um termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado em duas vias pelas seis colaboradoras e pesquisadora a fim de esclarecer sobre a natureza da investigação e assegurar a confidencialidade dos dados. Os resultados da pesquisa mostraram que apesar da ainda limitada variedade de materiais para o ensino de alunos surdos disponíveis no mercado a produção destes é uma constante entre as professoras. Foi percebido também que as colaboradoras que estão envolvidas diretamente no ensino de crianças surdas possuem qualificação profissional, entretanto falta preparação dos demais membros que compõem a equipe escolar. Educadores em geral, devem atribuir atenção às adaptações curriculares, no planejamento de suas atividades no ensino de alunos surdos, já que uma escola inclusiva deve reconhecer as individualidades de seus discentes, desenvolvendo práticas pedagógicas que mereça a todos. O avanço dos recursos tecnológicos tem influenciado positivamente no desenvolvimento das aulas, aumentando o leque de possibilidades também na educação de alunos surdos com a utilização de novos multimeios.

Palavras-chave: Alunos Surdos. Materiais didáticos. Libras. Aprendizagem.

## ABSTRACT

**SILVA, M. G. The use of adapted didactic materials as a resource of the deaf's learning at the fundamental education: a study based upon the context of a public school of Federal District.** 2013. 62. Lato Sensus at Libras, Catholic University of Brasilia, Brasilia.

The hereby study elucidates how the learning of deaf students is favored using the adapted didactic materials to their specificity. The research has a qualitative, descriptive, exploratory character, with the investigation of the theme developed in the context of a public school of Federal District. The general objective was to identify what didactic materials are being used at the education of deaf students and what the generated results. The theoretical assumptions that provided subsidies to the research were based upon the literature about the theme and acquired knowledge by the researcher on the disciplines at the course of Specialization in Libras (Brazilian Sign Language) of Catholic University of Brasilia. The methodology was composed by the observation of two deaf students in the classroom and resource room, analysis of questionnaire applied to six teachers and analysis of the material available in school for teaching deaf students. A term of free consent and clear has been signed in a two-way by the sixcollaborating teachers and the researcher in order to clear about the nature of the investigation and to assure the confidentiality of the data. Results of the research show that despite of the still limited variety of materials available for teaching of deaf students in the market, the production of those materials is a constant among teachers. It was noticed as well that the collaborating teachers directly involved on teaching deaf children have professional qualification, however there is a lack of preparation of the others members that compose the school teamwork. Educators in general, must pay attention to the curricular adaptations, on planning of their activities on teaching deaf students, since a including school should recognize the individualities of their students, developing pedagogical practice that deserve to all. The advance of the technological resources has positively affected on the classes development, rising the range of possibilities also at the education of deaf students with the using of new multimedia.

Key-words: Deaf Students. Didactic Materials. Libras (Brazilian Sign Language). Learning.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Sujeito Surdo: Língua e Cultura.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Aquisição de Linguagem por Surdos.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.1 Aquisição de Primeira Língua (L1).....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.2 Aquisição de Segunda Língua (L2).....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 Educação Inclusiva e Educação Bilíngue.....</b>	<b>19</b>
<b>1.4 Materiais Didáticos.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Tipo de pesquisa.....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 Local.....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 Informantes.....</b>	<b>27</b>
<b>2.4 Constituição de Corpus.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 Observação das aulas.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Análise dos questionários.....</b>	<b>33</b>
<b>3.3 Análise do material didático.....</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

A presente monografia enfatiza como a aprendizagem de alunos surdos é favorecida com a utilização de materiais didáticos específicos às suas exigências educacionais. Trata-se de uma pesquisa de abordagem exploratória, descritiva, qualitativa. A investigação do tema escolhido foi desenvolvida no contexto de uma escola classe do Distrito Federal, no período de seis semanas.

É sabido que o canal viso espacial é incessantemente utilizado pelos surdos, podendo ser ricamente trabalhado em ambientes escolares através da produção e utilização de materiais didáticos adaptados às suas especificidades. Todavia surge a seguinte problemática: De que forma os docentes se preparam no enfrentamento dessa questão, possuem qualificação profissional para atuar com alunos surdos?

Com o intuito de responder à problematização acima, este estudo vem elucidar o fato de que a escola deve se configurar em um ambiente transformador e socializador, capaz de viabilizar a convivência entre pessoas de realidades distintas. Educadores devem se instrumentalizar continuamente no intuito de tornar o conhecimento possível a todos os alunos, independente de suas peculiaridades.

Em meio a esse contexto, o presente estudo apresenta-se com o tema: O uso de materiais didáticos adaptados como recurso para a aprendizagem do surdo no ensino fundamental: um estudo com base no contexto de uma escola pública do Distrito Federal. A escolha do tema justifica-se diante da necessidade de conscientização dos professores quanto à importância de viabilizar formas de transmissão do conhecimento aos alunos surdos, tendo em vista que não existe um padrão educacional, já que as necessidades dos alunos são distintas.

O interesse de trabalho junto às pessoas surdas serviu de motivação para a escolha do tema. Do ponto de vista científico, a pesquisa procura demonstrar como as inovações tecnológicas têm contribuído com o desenvolvimento de multimeios<sup>1</sup> no processo de ensino/aprendizagem de alunos surdos. O intuito da pesquisa é de colaborar socialmente, dando maior visibilidade às significativas criações desenvolvidas dentro da escola pesquisada, servindo de referência às demais.

**Nesse contexto, o objetivo geral para a escolha do tema foi o de identificar quais materiais didáticos estão sendo utilizados na escolarização de alunos surdos e quais**

---

<sup>1</sup> Multimeios são todos os recursos utilizados pelos docentes no processo de ensino/aprendizagem, músicas, dinâmicas, filmes, teatro e internet são alguns exemplos.

**os resultados gerados.** Os objetivos específicos que se ramificam da proposta inicial apresentam-se com as finalidades de: analisar se os materiais didáticos recebidos pela Secretaria de Educação do Distrito Federal são suficientes na educação dos surdos, investigar se os professores estão produzindo seus próprios materiais didáticos e avaliações adequadas às especificidades dos alunos surdos e verificar qual a preparação que os docentes possuem para exercerem esse trabalho junto aos surdos.

Uma prática pedagógica, orientada para o enfrentamento das questões de inclusão de alunos surdos é enriquecedora e cobrará de todos maior aceitação, cooperação e respeito. Dessa forma, esta monografia se apresenta dividida em três capítulos: O Capítulo I traz os Pressupostos Teóricos que fornecem subsídios à pesquisa, em que discutiremos sobre o sujeito surdo no que refere à sua língua e cultura, serão também abordados aspectos como a Aquisição de linguagem por surdos, Educação Bilíngue e Educação Inclusiva e Materiais Didáticos. No Capítulo II temos a Metodologia, formada pela tipologia da pesquisa, local onde foi desenvolvida, informantes e constituição de *corpus*<sup>2</sup>. Já o Capítulo III se destina à Análise dos Dados obtidos com a pesquisa.

---

<sup>2</sup> Coleção de escritos.

## CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O acesso à educação é um direito de todos, entretanto a necessidade pedagógica de cada aluno deve ser observada. Procurando analisar esta garantia legal pela ótica da educação de pessoas surdas é primordial embasar-se nas concepções teóricas que norteiam a vida dessa comunidade, pensando assim o Capítulo I propõe as seguintes discussões: (1.1) Sujeito Surdo: Língua e cultura; (1.2) Aquisição de linguagem por surdos; (1.3) Educação Bilíngue e Educação Inclusiva e (1.4) Materiais Didáticos.

### 1.1 – SUJEITO SURDO: LÍNGUA E CULTURA

Diante da perspectiva de que língua e cultura é uma condição imputada a todos os grupos de uma sociedade, temos que o sujeito surdo vivencia uma dupla aplicação dessa perspectiva, já que representa um grupo minoritário, usuário de língua de sinais, que compartilha de uma segunda língua e cultura ouvinte, o que os classificam como multiculturais.

Como lembra Guarinello (2007, p. 30), o sujeito surdo que num passado obscuro foi submetido ao modelo clínico médico terapêutico, cujo objetivo era de reabilitação da fala e da audição, vem gradativamente conquistando o seu espaço e merecido reconhecimento dentro da sociedade. Apesar de uma história marcada pela intolerância, submissão e por direitos ignorados, lutam incessantemente pela disseminação e valorização de sua cultura, onde o surdo é tido como um sujeito cultural capaz, que percebe o mundo através da visão. Para Strobel (2009, p. 41), “os sujeitos surdos, com a ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos e de tudo o que ocorre ao redor deles.”

Na concepção de Guarinello (2007, p. 32-33), a cultura surda pode ser conceituada como a forma que indivíduos surdos percebem e se interagem com o mundo ao seu redor, suas condutas e costumes. Sendo a surdez encarada como uma diferença na forma de comunicação e não pela ótica da deficiência. Desta forma, utilizar o termo “surdo” para se referir a alguém que não escuta, não representa algo que inferiorize o indivíduo em questão, já que o termo está agregado à identidade surda.

Um dos mais poderosos aspectos da identidade surda são as línguas de sinais (LS). Estas são línguas naturais das comunidades surdas, porém não universais. Ao contrário do que muitos imaginam, não são simplesmente mímicas e gestos soltos utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. Segundo Strobel (2009, p. 47):

a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

De acordo com Gesser (2009, p. 27), as línguas de sinais possuem estruturas gramaticais próprias e a elas são atribuídas o status de línguas, por serem assim como as orais – auditivas compostas pelos níveis linguísticos: fonológico (aqui não se refere ao som, e sim aos parâmetros<sup>3</sup> da língua de sinais), morfológico (formas das línguas), sintático (ordem dos constituintes na frase) e semântico (significação das palavras). Preenchendo, assim, os requisitos científicos para serem consideradas instrumentos linguísticos de poder e força. O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas é denominado sinal nas línguas de sinais.

As mãos não são o único veículo usado nas línguas de sinais para produzir informação linguística. Os surdos fazem uso extensivo de marcadores não manuais. Diferentes dos traços paralinguísticos das línguas orais (entonação, velocidade, ritmo, sotaque, expressões faciais, hesitações, entre outros), nas línguas de sinais, as expressões faciais (movimento de cabeça, olhos, boca, sobrancelha etc.) são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua (GESSER, 2009, p. 17-18).

Gradualmente, o número de adeptos das línguas de sinais e da cultura surda foi crescendo e se fortalecendo, cobrando ações nos mais variados âmbitos. O mundo foi surpreendido pela capacidade do surdo e sua organização. No Brasil, a professora e pesquisadora Lucinda Ferreira Brito, merece destaque, já que através de suas pesquisas foram desenvolvidos os estudos sobre a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, mais tarde reconhecida através da Lei 10.436/02 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2002, 2005).

Mas nem sempre foi assim, o Congresso Internacional de Milão de 1880, por sua vez, representa um marco histórico do equívoco e da falta de empenho de ouvintes para com os surdos, estabelecendo a aprovação do uso exclusivo e absoluto do método oralista, posteriormente inviabilizado diante da insatisfação dos indivíduos surdos. Para Skliar (2005, p. 16), “apesar de algumas oposições, individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial.”

É percebido que a integração do indivíduo surdo no meio social em geral, ainda sofre entrave pelo ato dominante da maioria ouvinte, fazendo-se necessária a eliminação de

<sup>3</sup> Segundo Quadros e Cruz (2011, p. 147), “parâmetros são as unidades mínimas que compõe o sinal: Configuração de mão (CM), Movimento (M), Locação (L), Orientação manual (Or) e Expressões não manuais (ENM).”

preconceitos existentes em nossa sociedade. Fato confirmado por Gesser (2009, p. 25):

os surdos foram privados de se comunicarem em sua língua natural durante séculos. Vários estudos têm apontado a difícil relação dos surdos com a língua oral majoritária e com a sociedade ouvinte. Escolas, profissionais da saúde, e familiares de surdos têm seguido uma tradição de negação do uso dos sinais.

O domínio da língua de sinais pelos familiares do surdo deve ser estimulado, encarado como uma conduta beneficente, que proporcionará o crescimento do ciclo de comunicação do surdo, além de contribuir para o aprendizado da língua oral como segunda língua.

Outro importante aspecto da cultura surda são os utensílios tecnológicos. Com o intuito de proporcionar acessibilidade em seu cotidiano, constantes invenções são realizadas, a partir das especificidades dos sujeitos surdos. Como exemplifica Strobel (2009, p. 84-85), “destacam – se, entre eles, o *Telephone Device for the Deaf*<sup>4</sup> (TDD) [...], instrumentos luminosos, como a campainha em casas e em escolas de surdos, despertadores com vibradores, legendas *closed – caption*<sup>5</sup>, babás, sinalizadores, etc.”

O convívio entre surdos é tido como positivo, pois fortalece sua identidade. As associações dos surdos os permitem se relacionar, programando encontros e participações em eventos culturais como cinema, teatro, exposições, festas, assim como discutirem sobre política, educação, trabalho, etc.

Fazer parte da Comunidade Surda também representa uma atitude positiva, de fortalecimento da língua de sinais, da identidade e da cultura surda. Uma experiência enriquecedora, tanto para indivíduos surdos quanto para familiares, amigos, profissionais, dentre outros que também podem participar. Ser membro da Comunidade Surda significa se envolver com suas causas, compartilhar experiências, estreitar vínculos, contribuindo para seu fortalecimento. Segundo Eizirik (2008, p. 19), “a diferença faz crescer, é uma oportunidade de sair dos limites do conhecido, ultrapassar fronteiras, exercer outros olhares, experimentar novas experiências, mesmo quando essas possibilidades e esses impedimentos são constituintes de nossa humana natureza.”

A aquisição de linguagem por surdos também é beneficiada pela interação entre os mesmos em sua língua materna, assim é fundamental oportunizar esse convívio frequentemente.

---

<sup>4</sup>Dispositivo telefônico para surdos.

<sup>5</sup>Legenda fechada.

## 1.2 - AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM POR SURDOS

A capacidade de comunicação é intrínseca ao ser humano. A comunicação de uma criança inicia-se desde o ventre materno, e continua a se desenvolver com seu nascimento e crescimento mesmo com a ocorrência de surdez. Isso é possível graças à linguagem, caracterizada por ser um meio de partilha social, podendo ser verbalizada ou não, sendo sua aquisição não limitada à fala. Para Golbert (1988, p. 103), “a aquisição da linguagem se dá através da combinação de fatores cognitivos, da experiência linguística e da não linguística.”

Quanto à construção da linguagem foi percebido que esta acontece na interação com o outro. O bebê surdo de pais surdos, usuários da língua de sinais, receberá informações linguísticas visuais, futuramente adepto desta língua. Já o bebê ouvinte, filho de pais surdos, usuários da língua de sinais receberá informações linguísticas visuais e auditivas, sendo usuário de duas línguas, compreendendo cada uma gradualmente. Segundo Guarinello (2007, p. 41):

a construção da linguagem se dá na interação, entendida como “matriz de significações”. É por meio da linguagem que a criança age sobre o mundo e sobre o outro. A criança é percebida como ativa nesse processo de construção de conhecimento e o adulto é visto como um mediador entre a criança e o mundo.

No entanto, é perceptível que muitas crianças surdas têm seu desenvolvimento linguístico retardado, devido à aquisição tardia da língua de sinais que é a sua língua natural. Principalmente filhos surdos de pais ouvintes que, por não aceitarem a condição de seus filhos, muitas vezes, negam a existência da surdez, demonstrando falta de interesse na educação do filho, proibindo o uso da língua de sinais, impondo a fala, privando-os de desenvolver sua linguagem de forma plena.

A estimulação precoce já nos primeiros três anos de vida é outro recurso que merece ser considerado, já que nesse período o desenvolvimento neuronal atinge seu nível máximo, possibilitando à criança uma maior adaptação cerebral à aprendizagem, desenvolvida através de jogos e atividades benéficas aos aspectos intelectual, físico e afetivo. A estimulação deve acontecer em ambientes que ofereçam tranquilidade e com o acompanhamento de pessoas que tenham vínculo afetivo com o bebê.

Outro aspecto de suma importância sobre a organização cerebral da linguagem é a existência de um período crítico para a aquisição da linguagem. Neste período, é imprescindível a presença de estímulos externos para a maturação do cérebro, pois, após este período crítico, a plasticidade neuronal diminui e a habilidade do cérebro no desenvolvimento da fala e da linguagem fica comprometida permanentemente. (CHAIBUE, 2010, p.76)

No caso da criança que ao receber o diagnóstico de surdez é encaminhada a um atendimento de estimulação especializado, essa terá um melhor e maior desenvolvimento linguístico, o que favorecerá ao aprendizado tanto de sua língua natural quanto de uma segunda língua. Esse diagnóstico é possível já no segundo ou terceiro dia de vida, através do Teste da Orelhinha, exame capaz de medir a acuidade auditiva do recém-nascido, durante o sono natural. É gratuito na rede pública de saúde brasileira, é indolor e sem contra indicações.

### 1.2.1 - Aquisição de Primeira Língua (L1)

O desenvolvimento linguístico de crianças surdas e ouvintes passam por períodos de aquisição da linguagem semelhantes, ambos produzem seus primeiros balbucios, sinais/palavras e combinações na mesma faixa etária. Períodos abaixo discriminados por Chaibue (2010, p.78-79):

Período Pré-linguístico – é o período do balbucio, inicia desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade. O balbucio ocorre tanto em crianças surdas como em ouvintes, comprovando a capacidade inata para a linguagem. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio: balbucio oral e balbucio manual. A partir de um determinado momento, um dos balbucios é interrompido, sendo desenvolvido o balbucio da sua modalidade, pois o *input* propicia o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

Estágio de um Sinal – de um modo geral, inicia por volta dos 12 meses percorrendo até por volta dos 2 anos. Nesta fase, as crianças omitem flexões e uso do sistema pronominal. As crianças com menos de 1 ano, tanto surdas quanto ouvintes, apontam constantemente para indicar objetos e pessoas, sendo tal apontação abandonada quando elas iniciam o estágio de um sinal.

Estágio das Primeiras Combinações – inicia por volta dos 2 anos de idade. Neste estágio, as crianças não conseguem flexionar todos os verbos, iniciam o uso do sistema pronominal, mas com erros de reversão, nomeia os objetos pertencentes a um contexto do presente.

Estágio de Múltiplas Combinações – inicia por volta dos 2 anos e meio a 3 anos, apresentando nas crianças a chamada explosão do vocabulário. Começam a usar formas particulares para diferenciar nomes e verbos. Inicia o uso do sistema pronominal com referentes não presentes, porém os empilham num único ponto do espaço. Esse período é marcado pela supergeneralização, no qual as crianças fazem algumas flexões verbais inaceitáveis em língua de sinais, assim como as crianças ouvintes usam eu 'fazi', 'gosti' e 'sabo'. Os verbos são flexionados adequadamente entre 5 e 6 anos de idade.

As línguas de sinais são as línguas naturais dos sujeitos surdos. Passíveis de serem adquiridas naturalmente, através da interação na comunidade surda e facilitada pela desenvolvida capacidade visual que possuem. Não são universais, entretanto são autônomas, possuem estrutura própria, dessa forma independentes da língua oral. Para Chaibue (2010, p.

74), “o surdo possui uma acuidade visual mais aguçada do que a do ouvinte, por esta razão ele está mais bem preparado para adquirir naturalmente a língua de sinais.”

O processo de aquisição da língua de sinais, assim como o de escolarização de crianças surdas no Brasil, vem acontecendo com atraso. Isso se deve principalmente, pela falta de conscientização de pais ouvintes, quanto à importância da aquisição da língua de sinais como (L1), pela falta de orientação desses pais, tardiamente encaminhando o filho a um atendimento adequado e por não estarem inseridos em comunidade surda. Outro fator relevante é que leis de regulamentação da Libras e da presença dos intérpretes em salas de aula, são consideravelmente recentes. Segundo Hautrive e Souza (2010, p. 183), “nas últimas décadas, constatamos que a criança surda tem a possibilidade de adquirir a língua de sinais por meio da interação com seus pares, na comunidade surda, de forma natural.”

Entre pais ouvintes e filhos surdos sem acesso à língua de sinais, é comum o desenvolvimento de uma comunicação por gestos naturais, que se limita simbolizar necessidades básicas dos seres humanos. Por todos os motivos acima citados é que se fazem necessários projetos que disponham de profissionais que possam esclarecer e orientar as famílias, para que o acesso à língua de sinais possa acontecer o mais breve possível, tanto para a criança surda, quanto para sua família.

Os profissionais que assumem a função de passarem as informações necessárias aos pais devem estar preparados para explicar que existe uma comunicação visual (a língua de sinais) que é adequada à cultura surda, que essa língua permite à criança ter um desenvolvimento da linguagem análogo ao de crianças que ouvem, que essa criança pode ver, sentir, tocar, e descobrir o mundo a sua volta sem problemas, que existem comunidades de surdos; enfim, devem estar preparados para explicar aos pais que eles não estão diante de uma tragédia, mas diante de uma outra forma de comunicar que envolve uma cultura e uma língua visual-espacial. Deve-se garantir à família a oportunidade de aprender sobre a comunidade surda e a língua de sinais (QUADROS, 1997, p. 29).

Por anos, os surdos foram privados, de ter uma educação primada em sua língua materna. Atualmente é perceptível uma maior conscientização da importância da escolarização de alunos surdos e valorização de sua língua natural no processo de aprendizagem. Entretanto, é visível a escassez de profissionais qualificados, que além de conhecimento da língua de sinais, conheça suas origens, sua história, o sujeito e a cultura surda. Para Sant’ana (2005, p. 228), “torna-se importante que os professores sejam instrumentalizados a fim de atender às peculiaridades apresentadas pelos alunos.”

Gradualmente vem sendo percebido que a tentativa de oralizar o surdo é descabida, uma vez que este é detentor de uma língua tão rica. A sociedade precisa entender que os surdos não têm de mudar sua natureza surda para se adaptar ao mundo ouvinte e sim o

contrário, pois os surdos já fizeram sua parte aprendendo a nossa língua, agora é nossa vez de aprender a deles.

### **1.2.2 - Aquisição de Segunda Língua (L2)**

Diferentemente da aquisição de língua de sinais, a aquisição da segunda língua, que em geral é a modalidade escrita da língua majoritária do país, não se constitui como natural para o sujeito surdo, exigindo metodologias sistemáticas de ensino. Entretanto, para se trabalhar a aquisição da língua majoritária, o surdo precisa ter tido acesso anterior à língua de sinais, pois é a sua língua natural que servirá de apoio na aquisição da L2.

O desenvolvimento na aprendizagem de uma segunda língua está intimamente ligado ao nível de proficiência que o aprendiz possui na sua primeira língua. No caso específico do surdo, o desenvolvimento na aprendizagem da língua portuguesa dependerá da performance adquirida em Língua Brasileira de Sinais, pois é por meio desta que será feita primeiramente a leitura do mundo para posteriormente fazer a leitura da palavra em língua portuguesa, promovendo e facilitando o acesso à escrita (CHAIBUE, 2010, p. 81).

A aquisição da escrita e da leitura da língua majoritária é fundamental para o surdo, já que ele compartilha de uma segunda cultura, onde a maioria não é usuário da língua de sinais. A modalidade escrita da língua majoritária lhe proporcionará maior independência, acesso à informações das comunidades ouvintes e surdas, possibilidades de comunicação virtual e por mensagens de texto de celulares, acesso aos estudos, ao mercado de trabalho, dentre outras.

A aquisição da leitura e da escrita é enfatizada no processo de ensino de L2 para pessoas surdas porque atende à necessidade do aluno de forma mais autêntica perante a sua própria comunidade e a sociedade de forma geral. Essa razão é observada pelos próprios surdos. O registro apresenta um valor social muito grande e para a pessoa surda o valor é ainda maior, pois a leitura e a escrita são as possibilidades de ter acesso às informações de forma independente em uma sociedade onde ela faz parte de uma comunidade diferente (QUADROS, 1997, p. 116).

A leitura também favorecerá na aquisição da escrita de segunda língua do surdo, já que é baseada em recursos gráficos (letras e imagens), visualmente percebidas e assimiladas com conceitos já adquiridos na primeira língua. O professor deve sempre encorajar os alunos surdos, oferecendo leituras condizentes com seu nível linguístico, que lhes sejam significativos e posteriormente propondo a construção de pequenos textos baseados em suas próprias vivências.

Em sua grande maioria, os sujeitos surdos não possuem nenhuma memória auditiva, entretanto são detentores de excelente memória visual. Por isso, o uso de recursos visuais se

constitui como uma importante ferramenta no processo de aprendizagem, assim como a utilização da concretude de materiais didáticos na correlação de conceitos entre as línguas e a utilização do potencial tecnológico atualmente disponível.

Diante do computador como instrumento para comunicação nos deparamos com possibilidades ainda não pensadas. Para os surdos, essas possibilidades tornam-se ainda maiores, pois podem verdadeiramente comunicar-se com alguém à distância. A escrita passa a ter um significado real. [...] Com os avanços das novas tecnologias da informação e da comunicação, encontramos campos novos a serem trilhados como apoio para a educação de surdos, bem como para refletirmos sobre as concepções dos próprios surdos com relação a surdez (VALENTINI, 2009, p. 242-245).

A presença de professores surdos no ambiente escolar facilitaria a aprendizagem da língua natural de alunos surdos e, conseqüentemente, da língua majoritária, uma vez que este carrega todos os conceitos de língua, cultura, identidade, comunidade, de lutas na conquista de direitos sociais e educacionais. Conforme cita Strobel (2009, p.117), “a criança surda necessita de professores surdos usuários naturais de língua de sinais e cultura própria em seu processo de construção de identidade e educacional.” Infelizmente a presença de professores surdos em escolas ainda é escassa, sendo professores ouvintes incumbidos de ensinar a L2 para alunos surdos, devendo estes verificar estratégias que facilitem a aprendizagem, investigar as preferências dos alunos, oferecerem estímulos e até mesmo identificar problemas de cunho pessoal que possam atravancar essa nova aquisição.

Fatores afetivos podem influenciar a aquisição da L2 do surdo, dessa forma o apoio familiar é fundamental em seu processo educacional. Quanto ao ambiente escolar, o ideal é que o surdo se sinta motivado, acolhido e ambientado. Para Marques (1999, p. 9), “[...] quando as famílias participam na vida dos filhos, quando os pais acompanham e ajudam o trabalho dos filhos, estes têm melhores resultados [...].”

O surdo precisa se reconhecer como sujeito surdo e em seu processo de aprendizagem, a língua de sinais deve ser valorizada, tendo sempre primazia em relação às orais. Entretanto, é importante ter conhecimento sobre a língua, a cultura e os costumes da comunidade ouvinte em que está inserido.

### 1.3 - EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Ao longo dos tempos, a educação de alunos surdos tem gerado inquietações e polêmicas. Marcada por preconceitos, quanto à capacidade de aprendizagem desses e de luta pela conquista de igualdades educacionais e sociais. Movimentos como a Conferência

Mundial sobre a Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994) alavancaram os discursos sobre uma educação Inclusiva. Para Lacerda (2006, p. 167):

o movimento da chamada educação inclusiva [...] defende o compromisso que a escola deve assumir de educar cada estudante, contemplando a pedagogia da diversidade, pois todos os alunos deverão estar dentro da escola regular, independente de sua origem social, étnico ou lingüística.

A Declaração de Salamanca pelas Nações Unidas teve representatividade no processo de Inclusão Escolar de pessoas com deficiência por considerar a pedagogia da diversidade, com acesso à escola e educação de qualidade para todos, cobrando o envolvimento dos governantes, das organizações, das comunidades na busca de provimentos. No que se refere ao surdo, tal declaração enfatizou a questão da língua.

A Declaração de Salamanca considerou uma das coisas mais peculiares da educação de surdos: a questão da língua. No entanto, ainda assim, a língua é apenas mencionada nos documentos através de recomendações, mas não de inserção e viabilização de um ensino tendo como espinha dorsal a língua de sinais (QUADROS, 2003, p. 86).

Entretanto, o que se percebe é que o sistema educacional lamentavelmente encontra dificuldades que atender até mesmo os alunos considerados “normais”. Implantar a Inclusão significa muito mais que juntar numa mesma sala alunos com e sem deficiências, é necessário primeiramente discutir novas políticas educacionais e avaliar a preparação dos professores, já que a educação dos excluídos exige práticas pedagógicas distintas, que requerem investimento e tempo.

Vamos deixar claro que a questão não está em recusar, a priori, tentativas de inserção dos excluídos na escola mas, ao nosso ver, é quase impossível, no momento, que a escola, seja qual for, dê conta de todo e qualquer tipo de aluno, como é o caso do deficiente mental, do surdo, da criança de rua ou do trabalhador rural (SOUZA e GÓES, 2009, p. 168).

Uma escola inclusiva deve se configurar em um ambiente transformador, capaz de adequar-se às realidades sociais, culturais e lingüísticas distintas. A participação de todos os membros da escola assim como da família é indispensável no processo de inclusão, através do esforço e cooperação coletiva, todos se sentem mais seguros, sabendo que dispõem de apoio.

Assim, a prática da educação inclusiva para alunos surdos vem exigindo cada vez mais o esforço de uma gestão escolar bem elaborada. Isso significa que são necessárias ações integradas para que a real inclusão aconteça. A não consciência deste fato pode representar aprendizagem ineficaz, insatisfação e até evasão escolar. Nesse contexto, o grande desafio da escola inclusiva é desenvolver práticas pedagógicas que contemple a todos. Para Farias e Maia (2007, p. 27), “o desafio que confronta a escola inclusiva é o de desenvolver uma

pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todas com sucesso incluindo aquelas que possuam desvantagens severas.”

Diante desse novo paradigma faz-se necessário que as escolas se modifiquem para atender a toda e qualquer diversidade, para acomodar todas as crianças independentemente de suas condições social, cultural e suas características individuais, o que representa o maior desafio para os sistemas escolares (FARIAS e MAIA, 2007, p. 27).

Com base nessa nova realidade, o Brasil dispôs da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de nº. 9.394/96 que, em seu Art. 4º, traz: “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.” (BRASIL, 1996).

Surge então a necessidade de reorganização integral do meio escolar, a fim de atender a esta diversidade, de forma responsável, já que a educação é um direito de todos, sem discriminação e com igualdade de oportunidades. No caso dos alunos surdos, a real inclusão deve prevê em primeiro lugar, o respeito à sua língua natural e instituição de uma proposta educacional capaz de aflorar suas potencialidades.

Segundo Santos (2012), uma proposta para a educação de surdos na educação Infantil e Ensino Fundamental Fase I, devem ter professores licenciados nas áreas de Pedagogia, Educação Física e Artes que trabalhem utilizando a Libras como língua de instrução, com docentes fluentes em língua de sinais, aulas em turmas exclusivas em escolas regulares, devem trabalhar com o Pré-Português e a produção de material didático deve ser específico. No Ensino Fundamental II e Ensino Médio, os professores das diferentes áreas do conhecimento devem ser preparados para a Educação Bilíngue, em Libras e em Português, com aulas de línguas (Português, Espanhol, Inglês, etc) em turmas exclusivas e demais disciplinas em turmas inclusivas, utilizando metodologias visuais e produção de materiais específicos das áreas de conhecimento.

A comunidade surda, por sua vez, considera o Bilinguismo como uma proposta favorável ao seu processo de aprendizagem. Tal proposta tem por objetivo que a criança surda desenvolva-se no aspecto cognitivo-linguístico de forma equivalente ao verificado na criança ouvinte, mantendo uma relação harmoniosa com demais, tendo acesso às duas línguas: a língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua majoritária na modalidade escrita como (L2). A criação de escolas bilíngues para surdos é uma mobilização dessa comunidade, que vem gerando constantes debates na sociedade. Lacerda (2006, p. 165) se expressa desta maneira sobre o assunto:

assim, do mesmo modo que ocorre quando as crianças ouvintes aprendem a falar, a criança surda exposta à língua de sinais irá adquiri-la e poderá desenvolver-se no que diz respeito aos aspectos cognitivos e linguísticos, de acordo com sua capacidade. A proposta de educação bilíngue, ou bilinguismo, como é comumente chamada, tem como objetivo educacional tornar presentes duas línguas no contexto escolar, no qual estão inseridos alunos surdos.

A proposta bilíngue para surdos representa a valorização da cultura e da identidade surda, assim como respeito à autonomia linguística das línguas de sinais. Segundo Quadros (1997, p. 27), “a preocupação atual é respeitar a autonomia das línguas de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança surda.”

Educadores, por sua vez, devem atribuir atenção especial no planejamento de suas atividades, tendo em vista que não existe um padrão educacional, já que as necessidades dos alunos são distintas. Hoje, espera-se do professor muito mais do que transmissão de conteúdos, dele são esperadas atitudes construtivas direcionadas para o enfrentamento de questões da realidade. Por isso, devem sempre estar disponíveis as novas perspectivas.

Todos têm de trabalhar juntos em cooperação; trabalhando interdependentemente, compartilhando e importando –nos uns com os outros; nós não vamos só enfrentar os desafios do currículo da escola e da aprendizagem para a vida toda, mas também os desafios que ainda virão com as experiências (STAINBACK, 2006, p. 12).

As avaliações devem levar em consideração as singularidades do aluno surdo, a fim de apurar as necessidades de aprendizagem e evidenciar suas potencialidades. As avaliações devem representar um recurso positivo e não ser causador de frustrações.

Os surdos tem um passado marcado pela negligência governamental e da sociedade, impedindo seu acesso à educação. Entretanto, hoje no Brasil o que dificulta a inclusão desses alunos é, na maioria das vezes, a falta de preparação dos professores, a falta de domínio da Língua Brasileira de Sinais, muitos não cursaram disciplinas relacionadas na faculdade. Para Sant’ana (2005, p. 228), “torna-se importante que os professores sejam instrumentalizados a fim de atender às peculiaridades apresentadas pelos alunos. Aqui tendo-se em vista a capacitação docente, a participação das universidades e dos centros formadores parece ser relevante.”

A presença dos intérpretes de Libras surge então nas escolas inclusivas, a fim de tornar possível que os conteúdos sejam acessados pelos alunos surdos. Os intérpretes, por sua vez, têm a função de intermediar o conhecimento, entretanto o papel de educador continua sendo do professor, esta é uma questão que precisa ficar bem clara a todos os envolvidos no processo inclusivo.

É importante que o professor regente da classe conheça a língua de sinais, não deixando toda a responsabilidade da comunicação com os alunos surdos para o

intérprete, já que a responsabilidade pela educação do aluno surdo não pode e não deve recair somente no intérprete, visto que seu papel principal é interpretar. A responsabilidade de ensinar é do professor (LACERDA, 2009, p. 35).

Os professores precisam criar atrativos para que as disciplinas sejam desenvolvidas com qualidade, para isso, faz-se necessário um conjunto de ações, sempre se atentando que, no caso dos alunos surdos, essas ações precisam ser individualizadas, sem desconsiderar a interação entre a turma como um todo. Os alunos precisam ser disciplinados de forma que todos tenham oportunidades.

Dessa forma, o professor se configura como uma peça chave na educação inclusiva, por isso ele precisa manter-se sempre motivado a repensar suas práticas, tendo consciência de seu importante papel, procurando sempre se atualizar quanto a novos métodos. A equipe escolar, por sua vez, deve está focada nesta mesma perspectiva, mobilizando-se para fazer valer a real inclusão dos alunos surdos que, por tantos anos, tiveram seus direitos desconsiderados.

A criança surda precisa se sentir estimulada a aprender, sendo os recursos utilizados pelo professor de fundamental relevância. A produção de materiais didáticos vem se mostrando como um fator que merece atenção especial da equipe escolar na aprendizagem de pessoas surdas, conforme será discutido no próximo item.

#### 1.4 - MATERIAIS DIDÁTICOS

Desde a antiguidade foi percebido que a utilização de recursos materiais exerce um papel importante no processo de ensino/aprendizagem, observou-se que essas ferramentas facilitavam na aquisição de conhecimentos.

Alguns registros históricos que descrevem as salas de aula de tempos remotos relatam que os mestres da Antiguidade e da Idade Média já dispunham de certos recursos para facilitar o ensino, como grandes tábuas que serviam de lousa, material para o ensino do cálculo aritmético, documentos cartográficos, globos, cartas murais de astronomia e livros com iluminuras (HAYDT, 2006, p. 226).

O livro ficou tradicionalmente conhecido como material didático, entretanto percebeu-se que a utilização desta ferramenta pedagógica não seria suficiente para sanar todas as necessidades de aprendizagem dos alunos. Desta forma, o conceito de material didático se expandiu, podendo ser atualmente definido como qualquer instrumento que permita e facilite a aprendizagem. Para Vilaça (2011, p. 1021), “o livro didático assume um lugar de destaque devido à sua popularidade e ao seu longo percurso histórico.”

Em termos gerais, qualquer material que seja usado para fins didáticos pode ser considerado um material didático, mesmo que a sua produção inicial não tenha sido orientada ou voltada para o seu uso educacional. Poemas, letras de músicas, filmes, jornais, por exemplo, não são produzidos para fins pedagógicos, mas são usados por professores de línguas (maternas e estrangeiras) com certa frequência como materiais didáticos (VILAÇA, 2011, p. 1020).

A ampliação dos recursos tecnológicos também refletiu sobre o desenvolvimento de novos multimeios didático-pedagógicos, caracterizados pela dinâmica no acesso de informações e canal de comunicação interativa. Para Vilaça (2011, p. 1021), “as novas tecnologias ampliam a necessidade de pesquisas sobre o desenvolvimento de materiais didáticos, já que, além de questões pedagógicas, é preciso considerar também diferentes aspectos tecnológicos.”

Podemos entender como materiais didáticos digitais aqueles que são desenvolvidos e publicados por meio de tecnologias digitais. [...] Alguns exemplos de materiais didáticos digitais são: documentos de textos, arquivos de áudio e vídeo, animações, apresentações multimídias, imagens, infográficos, *e-books*<sup>6</sup>, *e-apostilas*<sup>7</sup> (VILAÇA, 2011, p. 1021-1022).

Os múltiplos meios têm permitido uma gama de possibilidades, levando as escolas a integrar tecnologia à aprendizagem. Por isso, é fundamental que as instituições educacionais contem com uma equipe multidisciplinar, que interaja e domine essas novas ferramentas. As crianças surdas por sua vez, demonstram especial interesse pelos recursos tecnológicos por serem visualmente estimulantes, cabe ao educador utilizar esse gancho para agregar os conteúdos didáticos.

No que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem de Pessoas com Deficiência (PCD), a utilização dos recursos materiais possui importante representatividade, como citado no Parecer CNE/CEB 17/2001, “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (BRASIL, 2001).

Segundo Manzini e Deliberato (2006), colaboradores do Portal das Ajudas Técnicas da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e Cultura, algumas reflexões devem ser consideradas antes da confecção de recursos pedagógicos adaptados que auxiliem a aprendizagem dessas pessoas, como: 1. Entender a situação que envolve o estudante, escutando seus desejos, identificando características físicas e psicomotoras, observando a dinâmica no ambiente escolar; 2. Gerar Idéias, conversando com familiares do estudante,

---

<sup>6</sup> Livro digital.

<sup>7</sup> Apostila digital.

pesquisando materiais e alternativas de construção do objeto; 3. Escolher a alternativa viável, considerando as necessidades do aluno e a disponibilidade de recursos para a construção; 4. Representar a idéia, por meio de ilustração, definir os materiais e suas dimensões; 5. Construir o objeto para a experimentação, experimentando na situação real de uso; 6. Avaliar o uso do objeto, considerando se atendeu ao desejo do estudante no contexto determinado, verificando se o objeto facilitou a ação do aluno e do educador e 7. Acompanhar o uso, verificando se as condições mudam com o passar do tempo e se há necessidade de realizar alguma adaptação do objeto.

A avaliação dos materiais didáticos a serem utilizados deve ser realizada pelos docentes de acordo com o perfil e as exigências educacionais dos alunos. Na educação de surdos, os professores devem atentar-se à adequação, sendo a elaboração de seus próprios materiais vista como uma melhor opção, pois contribui com a qualidade destes. Para Vilaça (2010, p. 75), “trata-se, pois, de competência que deve fazer parte de sua formação, mesmo que o professor não pretenda se dedicar diretamente ao desenvolvimento de materiais didáticos.”

Quanto ao nível de complexidade da atividade, deve ser avaliado pelo professor de acordo com o tipo de conhecimento almejado para determinado aluno, suas necessidades lingüísticas e ao seu grau de aprendizagem. A utilização da informática é hoje uma conquista da escola, que vem contribuindo significativamente no processo de ensino/aprendizagem de alunos surdos. Segundo Haydt (2006, p. 277), “assim como o livro, o vídeo e o filme, o computador não é usado apenas para motivar os alunos e fazê-los participar mais ativamente do trabalho escolar. Como os outros recursos, ele é um instrumento de comunicação de dados.”

Existe no mercado um número ainda reduzido de materiais específicos para o ensino ao surdo, por isso a confecção é necessária em todas as disciplinas, sendo a criatividade do professor e da equipe de recursos o diferencial. A recomendação no caso de alunos surdos é que os materiais didáticos sejam concretos e/ou que forneçam estímulos visuais possibilitando a assimilação dos conteúdos.

A sala de aula precisa ser um universo que traga possibilidades de aprendizagem a todos os que dela fazem parte, a educação de alunos surdos tem trazido aos professores oportunidades de desvendar novas formas de alcançar o conhecimento. As possibilidades de produção de materiais didáticos para surdos são infinitas, seu desenvolvimento acontece de acordo com suas necessidades, percebidas pela inquietação educacional de professores conscientes.

## CAPÍTULO II - METODOLOGIA

A metodologia empregada na investigação do tema proposto foi exploratória, com observação de duas alunas surdas em sala de aula e sala de recursos, análise de questionário aplicado às professoras que prestam esse atendimento e análise do acervo material que a escola possui para o ensino de alunos surdos. Os resultados obtidos com essa pesquisa de campo foram embasados pelos Pressupostos Teóricos (cf. capítulo I).

### 2.1 - TIPO DE PESQUISA

Para a investigação do tema escolhido foi desenvolvida uma pesquisa de campo exploratória descritiva, com abordagem qualitativa. A pesquisa teve como base a literatura acerca do tema, mostrando-se a observância da prática enriquecedora no entendimento do papel do material didático no processo de ensino/aprendizagem do surdo.

No intuito de esclarecer sobre a pesquisa, a natureza dos procedimentos, bem como assegurar a confidencialidade dos dados, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (cf. apêndice) foi proposto, sendo assinado em duas vias pela pesquisadora e colaboradoras.

### 2.2 – LOCAL

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola inclusiva de Ensino Fundamental – I, da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal localizada no Gama, cujo nome será preservado por questões éticas. As observações foram realizadas dos dias 20/03/13 à 29/04/13, no período matutino, em uma turma exclusiva<sup>8</sup>.

De acordo com relatório recebido, a escola possui no total 676 (seiscentos e setenta e seis) alunos matriculados, sendo 326 (trezentos e vinte e seis) no turno matutino e 350 (trezentos e cinquenta) no turno vespertino, distribuídos em 17 (dezessete) turmas em cada período.

O número de alunos surdos ou com deficiência auditiva (DA)<sup>9</sup>, totaliza 18 (dezoito), com 13 (treze) matriculados no matutino e cinco no vespertino. A escola conta com duas turmas exclusivas para o atendimento a esses alunos, uma em cada turno, estudam pela manhã

---

<sup>8</sup> Termo utilizado para se referir à turma composta exclusivamente por alunos surdos.

<sup>9</sup> Termo utilizado ao se referir a pessoas que possuem resquícios de audição.

duas e à tarde quatro crianças, estando 12 (doze) alunos distribuídos em turmas inclusivas<sup>10</sup> com presença de intérprete.

A escola dispõe de duas salas de recursos, uma para atendimento aos alunos surdos ou com deficiência auditiva (DA) e uma segunda para alunos com deficiência intelectual (DI). O atendimento de informática acontece fora das dependências da escola, duas vezes por semana, em horário oposto ao das aulas, no Laboratório de Informática Educativo (LIED) situado em um Centro de Ensino Especial do Distrito Federal.

### 2.3 - INFORMANTES

As informantes da pesquisa são seis professoras, todas com formação acadêmica em Pedagogia. Dessas, três possuem especialização em Educação para Surdos e três têm apenas cursos de formação como: Libras em contexto, Comunicando com o Surdo, Educação para Surdos, Curso de Libras Básico e Intermediário. Quanto ao tempo que lecionam para alunos surdos, a variação ocorre entre 10 (dez) e 18 (dezoito) anos.

As professoras foram selecionadas levando em consideração, suas experiências de trabalho e produções de materiais didáticos voltados para alunos surdos. Estando duas lotadas em sala de aula com turmas exclusivas, três na sala de recursos para DAs e uma na biblioteca.

Todas as docentes possuem fluência em Libras e demonstram satisfação no trabalho com surdos. Suas identidades serão mantidas em sigilo, sendo utilizados os seguintes nomes fictícios: Edna, Bárbara, Laura, Eliana, Lúcia e Lívia. O mesmo se aplica quando houver referência às alunas surdas observadas, aqui nomeadas Ingrid e Luana.

### 2.4 - CONSTITUIÇÃO DE CORPUS

O corpus dessa pesquisa é formado pela descrição da observação das aulas, pela análise dos questionários aplicados às professoras e análise do material didático que a escola possui para o ensino de alunos surdos.

As observações das aulas foram realizadas em uma turma exclusiva com duas alunas surdas profundas, no período matutino, durante 25 (vinte e cinco) dias. Trata-se de uma turma de 3º ano do ensino fundamental, onde apenas uma professora ministra todas as disciplinas.

---

<sup>10</sup> Termo utilizado para se referir à turma composta por alunos surdos e ouvintes.

Quanto ao questionário aplicado às professoras (cf. apêndice), foram abordadas questões sobre a importância da produção de materiais didáticos adequados às especificidades dos surdos, se julgam suficientes os recursos materiais já existentes, se já produziram seus próprios materiais, qual a visão sobre a utilização dos multimeios no ensino de surdos, se o apoio pedagógico recebido tem sido suficiente dentre outras indagações.

Na análise do material didático para o ensino de alunos surdos pertencente à escola foi utilizado registro fotográfico, com observação aos confeccionados pelas docentes e dos recebidos da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

## CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS RESULTADOS

No intuito de identificar e avaliar os materiais didáticos que estão sendo utilizados na escolarização de alunos surdos e quais os resultados gerados, foi possível perceber através da pesquisa de campo a preocupação das docentes em se instrumentalizarem tanto na elaboração de materiais didáticos quanto na aquisição da língua de sinais, essenciais no atendimento desses alunos.

Pretende-se com a análise dos resultados dar visibilidade às significantes criações desenvolvidas na escola pesquisada além de reforçar a assertiva de que a aprendizagem de alunos surdos é favorecida com a utilização de materiais didáticos específicos às suas exigências educacionais.

### 3.1 – OBSERVAÇÃO DAS AULAS

As observações aconteceram no período matutino, em uma turma de 3º ano do ensino fundamental, exclusiva de alunas surdas, dos dias 20/03/13 à 29/04/13. Uma única professora ministra todas as disciplinas e com a devida qualificação mantém comunicação em Libras, conforme mencionado no item 1.2.1 por Sant'ana (2005), sobre a importância da instrumentalização dos professores no atendimento às peculiaridades dos alunos.

A turma possui duas alunas, que além da surdez apresentam outros comprometimentos. Chamaremos as discentes de Ingrid e Luana e a docente de Edna, no intuito de preservar suas verdadeiras identidades.

A aluna Ingrid tem atualmente 14 (quatorze) anos de idade, devido à complicações enfrentadas por sua progenitora tanto na gestação quanto no parto (cordão umbilical envolto no pescoço), a menina nasceu com a saúde bastante comprometida. Sendo diagnosticada como surda severa<sup>11</sup>, avançando mais tarde para surdez profunda<sup>12</sup>, sofreu hipotonia muscular<sup>13</sup> levando-a a utilizar cadeira de rodas, seus pés são planos, sofreu paralisia cerebral gerando atraso cognitivo, só adquiriu controle dos esfíncteres<sup>14</sup> aos seis anos de idade. Já nos primeiros anos de vida foi diagnosticada com Síndrome de Boucher-Neuhauser<sup>15</sup>.

<sup>11</sup> Grau de deficiência auditiva, com perda de 70 a 90 dB.

<sup>12</sup> Grau de perda auditiva acima de 91 dB.

<sup>13</sup> Baixa do tônus muscular, causando redução da força muscular.

<sup>14</sup> Pequenas estruturas musculares de formato anelar, que controla cavidades do corpo humano: uretral, anal, estomacal, etc.

<sup>15</sup> Segundo Santos et al (2003, p. 193), “o quadro clínico pode incluir surdez neurosensorial, neuropatia, deterioração cognitiva e degenerescência corioretiniana.”

Sua coordenação motora vem sendo desenvolvida. Ingrid se mostra parcialmente dependente nas atividades diárias, é bastante vaidosa, carismática e comunicativa, tem espírito de liderança e ótimo entendimento do mundo.

Ingrid encontra-se em processo de alfabetização, necessita de atendimento individualizado com constante suporte da professora e de material concreto, por não conseguir abstrair as informações. A aluna escreve seu nome completo em letra cursiva, reconhece e escreve vogais e consoantes, conhece o alfabeto e várias palavras contextualizadas em Libras, forma pequenas frases com apoio de material didático adaptado, conhece as cores primárias e algumas secundárias. A menina reconhece os numerais até 99 (noventa e nove), resolve operações simples de adição e subtração sempre com o auxílio de material concreto. A estudante também lê algumas palavras em português e compreende seu significado, produz pequenas frases e as interpreta em sua língua materna. Reconhece comandos como: rápido, devagar, longe, perto, em cima, embaixo, igual, diferente. Possui noção de localização da escola, de sua casa, orientação espacial e datas comemorativas.

Ingrid tem vocabulário restrito, porém desenvolveu capacidade de compreensão do contexto em que está inserida, demonstrando interesse pela escola e ao convívio social. É uma aluna assídua, gosta de navegar na internet, assim como de jogos com material concreto: quebra cabeça, memória. Ela colore desenhos com precisão, sem ultrapassar margens. Ingrid apresentou avanços significativos no que se refere à aquisição de vocabulário durante o tempo de pesquisa, a expectativa é que na passagem para o 4º ano seja encaminhada para uma turma inclusiva.

A aluna Luana, por sua vez, possui atualmente 12 (doze) anos de idade, nasceu de parto prematuro aos oito meses de gestação, sua progenitora apresentou hipertensão e anemia durante a gravidez. Em seu nascimento, Luana recebeu diagnóstico de Citomegalovirose<sup>16</sup> congênita, com perda auditiva bilateral, sensorial profunda, deficiência intelectual, paralisia cerebral, baixa visão e anemia. Na infância, a estudante apresentou crises convulsivas, andou aos dois anos e quatro meses, falou aos três anos e adquiriu controle dos esfíncteres aos dois anos de idade.

Luana é uma criança parcialmente independente nas atividades diárias. É calma e dócil, realiza suas atividades com certa lentidão, apresenta pouco desenvolvimento de

---

<sup>16</sup> Segundo Varella (2003), “o Citomegalovírus pertence à família do herpesvírus [...] as manifestações clínicas da infecção pelo CMV variam de uma pessoa para outra e vão desde discreto mal-estar e febre baixa até doenças graves que comprometem o aparelho digestivo, sistema nervoso central e retina [...] o citomegalovírus nunca abandona o organismo da pessoa infectada.”

coordenação motora fina, tem enorme dificuldade para escrever, utiliza-se de caixa alta. Sem apoio visual, a aluna escreve apenas seu primeiro nome, demonstra imaturidade de compreensão e de abstração, necessitando de apoio individualizado oferecido pela professora e de material didático concreto.

A estudante Luana está em processo de aquisição da língua materna e de alfabetização, identifica apenas cores primárias, conhece todo o alfabeto manual, reconhece os numerais até 50 (cinquenta), resolve operações simples de adição e subtração sempre com o auxílio de material concreto. Seu vocabulário é restrito, gosta de jogos interativos de fácil compreensão, foi percebida melhora em sua comunicação durante o período analisado, porém segundo a professora Edna, a aluna não terá condições de seguir para o 4º ano.

A professora Edna demonstrou respeito às limitações das alunas, suas aulas eram notoriamente planejadas com base em suas necessidades educacionais, assim como mencionado no item 1.3 por Farias e Maia (2007), são necessárias modificações nas escolas a fim de atender a todas as crianças, independente de suas condições. Como não há um padrão educacional e sendo as necessidades dos alunos distintas, atenção precisa ser dada ao planejamento das atividades. Quando uma das alunas faltava à aula, a professora logo entrava em contato com mãe para saber o motivo. A docente é bastante expressiva, tem excelente interação com as alunas, sempre empenhada, todas as atividades propostas, como: construção de palavras, identificação silábica e de letras, cálculos matemáticos, tudo sem exceção teve suporte de material visual, boa parte produzido pela própria professora. Os jogos propostos tinham sempre objetivos de estimular à atenção, memória e coordenação motora fina.

Edna teve a preocupação de identificar os objetos da sala de aula (cf. anexo I), com o sinal em Libras e seu correspondente em português como nos exemplos: porta, mesa, cadeiras, janelas, lixo, lousa, livros armários, lâmpada. No início do ano com a ajuda da professora as alunas pintaram uma parede da sala de aula, a docente salienta o interesse em tornar o ambiente escolar acolhedor. Cada aluna possui também uma caixa colorida e identificada com seu sinal e nome, onde são guardados seus materiais que permanecem na escola.

As aulas da professora Edna eram sempre iniciadas com um cordial bom dia, em seguida era apresentado o calendário, marcando cada dia com um “x”, no intuito de estabelecer rotina e situar as alunas quanto à passagem do tempo, era observado também à questão climática, se chovia, se fazia sol, se ventava, sendo tudo registrado no caderno. Procurando trabalhar a aquisição de segunda língua das alunas, às segundas-feiras a professora sempre propunha o desenvolvimento de “texto vivência”, onde era escrita uma

frase sucinta de algo que houvesse acontecido no final de semana das discentes, um passeio, a ida à igreja, uma visita à casa da avó. Essa frase era registrada num caderno meia pauta, sendo esses acontecimentos ilustrados e coloridos ao lado do pequeno texto, conforme mencionado no item 1.2.2 por Quadros (1997), a independência proporcionada pela leitura e escrita atribuem grande valor social ao registro, para pessoas surdas esse valor é ainda maior.

Foram trabalhadas atividades da vida diária, visando desenvolver a autonomia das alunas. Nas sextas-feiras, Edna sempre propunha a produção de uma receita, para estudar as frutas, por exemplo, foi feita uma salada de frutas. A lista de ingredientes e o modo de preparo foram registrados no quadro, à medida em que as alunas sinalizavam quais fariam parte da receita. Em seguida, todas foram a um supermercado próximo, cada fruta era selecionada e o sinal era reproduzido, de volta à escola a salada foi preparada e saboreada.

Ao trabalhar o tema “preservação da natureza”, Edna propôs plantarem duas mudas de plantas, batizando-as de Ingrid e Luana. A professora explicou às alunas que assim como as pessoas, as plantas também precisam de alimentos para crescer, sendo nesse caso: o adubo, a água e o sol, assim precisariam regá-las todas as manhãs.

Segundo Eliana, Lúcia e Lívia, professoras que compõem a sala de recursos, a proposta é de trabalhar a psicomotricidade das alunas por meio de estimulação oral, escrita e rítmica, buscando desenvolver suas potencialidades através de atividades lúdicas. O trabalho realizado pela sala de recursos deve reforçar/complementar os desenvolvidos na sala de aula, um precisa ser a extensão do outro, tornando indispensável uma constante comunicação entre as professoras, a fim de detectar as necessidades das alunas. Durante o período da pesquisa não foi presenciada nenhuma tentativa de estimulação oral nas alunas observadas, provavelmente por compreenderem que essa medida é desnecessária, já que surdos possuem sua língua, conforme mencionado no item 1.1 por Strobel (2009), a língua de sinais representa um dos principais aspectos da identidade surda.

Para a estimulação da escrita, as alunas fizeram uso de jogos com material adaptado, onde Eliana mostrava uma a uma, imagens de frutas a fim de que identificassem as letras que as compõem. Em seguida, foi solicitado que fizessem a datilologia<sup>17</sup> e o sinal correspondente a cada fruta. As alunas sentiram dificuldades e foram auxiliadas, a professora falava pausadamente para que fizessem leitura labial<sup>18</sup>. Dando continuidade e procurando reforçar a primeira atividade, foi proposto um jogo da memória com as imagens das frutas vistas

<sup>17</sup> Datilologia é um recurso utilizado por usuários de língua de sinais para soletrar manualmente as palavras.

<sup>18</sup> Leitura labial é, segundo Perlin & Strobel (2006, p. 14), “o treino para a identificação da palavra falada através da decodificação dos movimentos orais do emissor.”

anteriormente.

O horário de atendimento na sala de recursos de Ingrid e Luana coincide com o horário do lanche e como as alunas se alimentam vagarosamente, o tempo desse importante auxílio acaba sendo reduzido.

No intuito de trabalhar a estimulação rítmica, a professora Lívia realizou uma atividade onde as alunas deveriam ao mesmo momento que ela, bater pequenos tambores. Lívia prosseguiu utilizando a brincadeira: “Escravos de Jó”, onde as integrantes foram posicionadas em círculo, passando simultaneamente os objetos à colega ao lado.

Para trabalhar o lado lúdico das alunas, Lúcia contou em Libras a história de “João e o pé de Feijão”, utilizando um material fabricado manualmente pela equipe da sala de recursos. Trata-se de avental em feltro onde os personagens são presos por um velcro, entrando e saindo de cena conforme o desenlace da história, as alunas, por sua vez, demonstraram contentamento.

Foi observado nesta sala de recursos um riquíssimo acervo de materiais didáticos adaptados para alunos surdos, alguns recebidos da Secretaria de Educação do Distrito Federal, entretanto a maior parte foram fabricados manualmente pelas próprias professoras. No item 3.3, veremos mais explicações sobre esses materiais que foram fotografados (cf. anexos), com a devida autorização da escola.

### 3.2 - ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

As questões contidas no questionário (cf. apêndice) têm por objetivo verificar se os materiais didáticos recebidos da Secretaria de Educação do Distrito Federal são suficientes na educação dos surdos, também investigar se os professores estão produzindo seus próprios materiais didáticos e avaliações adequadas às especificidades desses alunos e verificar qual a preparação que os docentes possuem para exercerem esse trabalho junto aos surdos. O questionário é constituído de questões abertas e questões fechadas. Segundo Júnior, et al, (2005, p. 218):

em termos gerais, dois tipos de perguntas são usadas em questionários: perguntas abertas e perguntas fechadas. Em um pergunta fechada, o respondente pode escolher entre um número determinado de respostas. Uma pergunta aberta não restringe o respondente, que é livre para usar suas próprias palavras.

As tabelas abaixo apresentam os índices<sup>19</sup> gerados após as análises das respostas

<sup>19</sup> Índices encontrados por meio de cálculos matemáticos, com aplicação de regra de três simples.

das questões fechadas do questionário, sendo as mesmas agrupadas em quatro grupos: grupo 1 - recursos materiais e espaço físico escolar (questões 1, 2 e 10), grupo 2 - apoio humano e pedagógico (questões 3, 4 e 5), grupo 3 – comunicação e convivência (questões 8 e 9) e grupo 4 - conhecimento e divulgação da Libras (questões 6 e 7).

*Tabela 1. Valores de frequência relativa segundo os recursos materiais e espaço físico escolar*

Recursos materiais/ Espaço Físico	Não se aplica	Aplica-se pouco	Aplica-se moderadamente	Aplica-se muito	Aplica-se totalmente
Os recursos materiais que a escola dispõe são suficientes para o atendimento aos alunos surdos?	0%	16,7%	33,3%	50,0%	0%
Além dos recursos já existentes, você alguma vez buscou elaborar seus próprios materiais no ensino dos alunos surdos?	0%	0%	0%	50,0%	50,0%
Quanto ao espaço físico (secretaria, direção, banheiros, biblioteca, cantina, sala de vídeo, salas de aulas, etc.,) possuem orientação visual ou em Libras?	0%	33,3%	50,0%	16,7%	0%

**Fonte:** Questionário aplicado à pedagogas da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal

Das professoras questionadas, 50% consideram os recursos disponíveis na escola como suficientes no ensino de alunos surdos, fato que nos felicita e nos mostra que ações, estão sendo tomadas na busca de uma real inclusão de alunos surdos, trazendo novas formas de ensinar e de aprender.

Entretanto, é importante salientar que parte desses recursos materiais são produzidos dentro da própria escola, por professoras. Conforme nos confirmam as respostas da segunda interrogativa com frequência de 50% para aplica-se muito e 50% para aplica-se totalmente. Conforme citado item 1.4 pelo Parecer CNE/CEB 17 (2001), os sistemas de ensino devem assegurar currículos, métodos e recursos específicos às necessidades dos educandos. Para Gonzaga (2012, p. 35), “providenciar a aquisição ou confecção desses materiais, portanto, é uma maneira de a escola proporcionar uma melhoria no atendimento e promover processos de aprendizagem em igualdade de condições.”

No que se refere à orientação visual do espaço físico da escola, parte das informantes 50% responderam que é ainda moderada, mostrando-se necessário se desenvolver recursos pensados nas especificidades dos alunos surdos. Segundo Quadros (2003, p. 102), “a experiência visual, muitas vezes, relegada a um segundo ou terceiro plano, deve passar a ser o centro das atenções, pois ela é a base do pensamento e da linguagem dos surdos.”

*Tabela 2. Valores de frequência relativa segundo o apoio humano e pedagógico*

Apoio humano/ Pedagógico	Não se aplica	Aplica-se pouco	Aplica-se moderadamente	Aplica-se muito	Aplica-se totalmente
Você percebe interação entre os membros da equipe escolar no processo de ensino aos alunos surdos?	0%	16,7%	50,0%	33,3%	0%
Existe apoio humano (auxiliares, intérpretes de Libras, psicólogo, fonoaudiólogo) para os alunos surdos na escola?	0%	0%	66,7%	33,3%	0%
O apoio pedagógico que vem recebendo dos demais membros da equipe escolar é suficiente, garante a aprendizagem dos alunos surdos?	0%	33,3%	66,7%	0%	0%

**Fonte:** Questionário aplicado à pedagogas da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal

A interação entre os membros da equipe escolar no ensino de surdos foi classificada por 50% das professoras como moderada. Essa é uma consideração que tende a trazer resultados negativos, sendo necessário motivar a mudança de atitude da equipe escolar, já que sua função é viabilizar um ensino de qualidade para esses alunos que por longa data foram excluídos. Conforme citado item 1.3 por Stainback (2006), o trabalho em equipe com cooperação entre os membros da comunidade escolar é uma ferramenta positiva no enfrentamento do currículo.

Com relação ao apoio humano, 66,7% das colaboradoras atribuíram como moderado. Isso porque a escola não dispõe de apoio psicológico e fonoaudiólogo. Várias professoras têm conhecimento em Libras, entretanto a escola conta com apenas duas intérpretes, uma em cada turno.

Quanto ao apoio recebido pelos demais membros da escola, 66,7% classificaram como moderado, sendo possível perceber durante a pesquisa falta de entrosamento entre as professoras da sala de recursos e das salas exclusivas, fato que prejudica diretamente a aprendizagem das alunas surdas. Foram presenciados alguns relatos de insatisfação por parte das professoras das salas exclusivas, quanto à coordenarem sozinhas, mesmo a escola dispondo de outras profissionais com qualificação na área, e quanto à monopolização de materiais que se compartilhados trariam maiores benefícios as alunas surdas. Segundo Stainback, (2006, p. 10), “ambos, alunos e professores precisam de apoio que possa lhes ajudar a realizar suas atividades diárias com sucesso. Frequentemente, professores e alunos se sentem sozinhos e frustrados quando não sabem onde procurar ajuda.”

*Tabela 3. Valores de frequência relativa segundo a comunicação e convivência*

Comunicação/ Convivência	Não se aplica	Aplica-se pouco	Aplica-se moderadamente	Aplica-se muito	Aplica-se totalmente
Existe comunicação e cooperação dos alunos ouvintes para com os alunos surdos?	0%	0%	33,3%	66,7%	0%
Você tem boa convivência com os alunos surdos?	0%	0%	0%	50,0%	50,0%

**Fonte:** Questionário aplicado à pedagogas da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal

Em relação à comunicação e cooperação entre alunos ouvintes e surdos, 66,7% das colaboradoras julgaram essa experiência como positiva para ambos, já que conviver com as diferenças é algo enriquecedor. Conforme citado no item 1.1 por Eizirik (2008), a diferença é uma oportunidade de crescimento, de transpor fronteiras e vivenciar novas experiências.

No que se refere à convivência entre professoras e alunas surdas, 50% julgou a interrogativa como muito aplicada e 50% atribuiu aplicação total. Foi percebido durante a pesquisa que existe uma verdadeira amizade entre as alunas surdas observadas e Edna, professora da sala exclusiva. As estudantes sempre cuidadosas, quando a docente sentia algum mal estar ou por algum motivo estava triste, elas logo percebiam, oferecendo ajuda. Edna se mostrou uma verdadeira incentivadora, lutando dentro e fora da escola para que os direitos das alunas sejam respeitados. Quanto à convivência com as professoras da sala de recursos Eliana, Lúcia e Lívia, essa se mostrou estritamente profissional. Segundo Rios (2011,

p. 54), “o reconhecimento da existência dos outros, na atenção e no acolhimento que damos a eles, proporciona alegria e estimula ações positivas.”

*Tabela 4. Valores de frequência relativa segundo conhecimento e divulgação da Libras*

Conhecimento / Divulgação da Libras	Não se aplica	Aplica-se pouco	Aplica-se moderadamente	Aplica-se muito	Aplica-se totalmente
Os membros da escola possuem conhecimento em Libras?	0%	16,7%	66,7%	16,7%	0%
A escola oferece alguma atividade de divulgação da Libras, da cultura surda que melhore a comunicação entre os alunos surdos e ouvintes?	0%	33,3%	50,0%	16,7%	0%

**Fonte:** Questionário aplicado à pedagogas da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal

Quando questionadas sobre o conhecimento em Libras pelos membros da escola, 66,7% das colaboradoras responderam como moderada. Infelizmente o domínio da língua de sinais não é uma unanimidade entre os componentes da equipe escolar observada. Foi presenciada uma cena em que a aluna surda tentou comunicação sem sucesso com uma servidora da cantina, o mesmo ocorreu em contato com uma monitora, isso mesmo por se tratar de uma escola intitulada inclusiva. Conforme citado no item 1.1 por Gesser (2009), estudos têm demonstrado dificuldades na relação de surdos com a comunidade ouvinte e que escolas têm seguido a uma tradição de negação do uso dos sinais.

Quanto à divulgação da Libras, 50% das professoras julgaram como moderada. Um fato positivo é que a escola tem o hábito de ensinar Libras para os alunos ouvintes, o que favorece a comunicação entre eles. A escola precisa atender às necessidades de todos, contemplando as diversas habilidades, não valorizando a homogeneidade e a competição. Segundo Quadros (2003, p. 99), “a base de todo processo educacional é consolidado através das interações sociais. A língua passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo.”

Quanto à análise dos dados obtidos com as questões abertas do questionário (cf. apêndice), as duas primeiras foram respondidas no item 2.3 e as demais foram analisadas individualmente, sendo as respostas transcritas conforme o original.

Na questão três, que questiona sobre os cursos que possuem direcionados a elaboração de materiais didáticos para surdos, das seis professoras interrogadas, quatro declararam dispor, enquanto duas revelaram não possuir.

*BÁRBARA: Sim. Disciplinas dentro do curso de especialização.*

*ELIANA: Sim. Materiais adaptados para ANEE's (Alunos com Necessidades Educacionais Especiais).*

*LAURA: Sim. Confeção de materiais pedagógicos para alfabetização de alunos do Ensino Especial.*

*LÚCIA: Tenho curso de material adaptado para ANEE's, que engloba deficiências em geral inclusive surdez.*

Entretanto, todas já tiveram a necessidade de produzir seus próprios materiais. Conforme mencionado no item 1.4 por Vilaça (2010), é uma competência do professor dedicar-se na elaboração de materiais, devendo inclusive fazer parte de sua formação.

A questão quatro trata da atribuição de valor ao uso dos materiais didáticos na aprendizagem do surdo.

*BÁRBARA: O mais alto valor.*

*EDNA: É essencial para a aprendizagem do aluno surdo, já que ele necessita de material concreto bem mais que o aluno ouvinte, pois sua aprendizagem é bastante visual.*

*ELIANA: É de suma importância, pois facilita a compreensão de conteúdos diversos.*

*LAURA: O material concreto é de suma importância para a alfabetização e para o desenvolvimento cognitivo do aluno.*

*LÍVIA: Muito importante.*

*LÚCIA: É de suma importância para o aluno, pois estes ajudam na aprendizagem como um todo.*

Houve unanimidade entre as docentes ao atribuir como essencial o uso desses materiais. Uma vez que alunos surdos necessitam da concretude devido à sua dificuldade de abstração, na compreensão dos diversos conteúdos. Outro ponto observado foi o fato de o surdo ter aguçada percepção visual, sendo o material um facilitador em sua aprendizagem.

Ao serem indagadas na questão cinco sobre quais materiais já produziram para o trabalho com seus alunos surdos, as respostas foram:

*BÁRBARA: Textos adaptados e avaliações, jogos pedagógicos das áreas de linguagem, português escrito, matemática.*

*EDNA: Alfabeto em LIBRAS, números em LIBRAS, identificação de objetos em sala de aula em LIBRAS/Português, atividades adaptadas para o surdo, cartão-conflito, quebra-cabeças...*

*ELIANA: Jogos pedagógicos como: jg. de memória, cartão conflito, dominó, quebra-cabeça, fichário com gravuras e palavras, etc.*

*LAURA: Muitos dentre outros como alfabeto em LIBRAS, dominós, cartões, fichas, materiais visuais, cartazes etc...*

*LÍVIA: Dominó, jogo da memória, jogo de encaixe, outros.*

*LÚCIA: Dominós, quebra-cabeça, jogos de encaixe.*

Como é possível perceber as possibilidades de produção de materiais didáticos para surdos são infinitas, ficando seu desenvolvimento a critério da inquietação educacional de professores conscientes. Como mencionado no item 1.4 por Haydt (2006), desde os tempos remotos, os mestres já faziam uso de materiais que auxiliavam no ensino, como tábuas que faziam o papel de lousa, materiais para o ensino de cálculos, globos, dentre outros.

A questão seis, indaga sobre a diferença percebida no processo de ensino/aprendizagem de alunos surdos com base na utilização de materiais produzidos observando suas especificidades, quando comparado aos materiais de ouvintes adaptados para surdos. Eis as respostas das informantes:

*BÁRBARA: Um material que utiliza LIBRAS é mais facilmente compreendido. Um material adaptado requer maior esforço do professor para levar o aluno a compreendê-lo.*

*EDNA: É lógico que quando se trabalha com material específico para surdo o aprendizado do aluno é bem melhor, porém já que se trata de uma escola inclusiva os alunos surdos devem também utilizar materiais dos alunos ouvintes.*

*ELIANA: Não vejo muita diferença, pois tanto os materiais específicos p/ surdos, como os adaptados serão selecionados de acordo com as especificidades do aluno.*

*LAURA: Com certeza materiais específicos para o surdo são melhores, porém depende muito da diferença pessoal de aluno para aluno. Em alguns casos os materiais adaptados também nos ajuda no processo de ensino e aprendizagem.*

*LÍVIA: Maior interesse e melhor aprendizado.*

*LÚCIA: O material sendo específico desperta maior interesse do aluno.*

As professoras Bárbara, Lúcia, Edna e Laura julgam o material produzido especificamente para surdos como mais satisfatórios, sendo facilmente compreendido por esses alunos. Entretanto, Edna e Laura salientam que devido aos surdos estarem inseridos em escolas inclusivas seja importante conhecerem e utilizarem materiais produzidos para ouvintes e que esses em alguns casos podem ajudar no processo de ensino e aprendizagem. Lívia não foi clara em sua resposta, impossibilitando uma análise e Eliana, por sua vez, diz não ver muita diferença, já que em sua opinião, ambos serão selecionados de acordo com as

especificidades do aluno. Essa resposta nos remete preocupação, pois o professor precisa sempre atentar-se que apesar da natureza singular entre as crianças, suas identidades e visões de mundo são distintas, por isso as adequações curriculares no desenvolvimento das atividades são fundamentais. Como mencionado no item 1.4, o Portal das ajudas técnicas da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e Cultura, traz reflexões a serem consideradas antes da confecção de recursos pedagógicos adaptados.

No que diz respeito à utilização de multimeios na educação de surdos, a questão sete trouxe as seguintes opiniões:

*BÁRBARA: Essencial. Ele precisa ter acesso ao Português escrito.*

*EDNA: O uso desses recursos é de muita importância para o surdo, melhorou a sua comunicação, deu-lhes mais autonomia, ajuda na ampliação do vocabulário, na interação com outros surdos e ouvintes.*

*ELIANA: No que diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem, quanto mais diversificados forem os recursos utilizados, melhor para o aluno.*

*LAURA: Uma utilização riquíssima e necessária para a inclusão e contextualização da inserção do aluno e indivíduo surdo na sociedade como pessoa respeitada em suas limitações.*

*LÍVIA: Ajuda na comunicação e na construção do aprendizado.*

*LÚCIA: Tudo isso ajuda na comunicação e na aprendizagem do aluno.*

Houve semelhanças entre as opiniões das docentes, considerando os multimeios essenciais, proporcionando autonomia, ampliando o vocabulário, facilitando a comunicação e interação entre surdos. Significativos na construção de aprendizados de modos diversificados, dando acesso ao português escrito e como uma ferramenta de inclusão do surdo. Conforme mencionado no item 1.2.2 por Valentini (2009), as novas tecnologias de informação e comunicação ampliam os campos, servindo de suporte também na educação de alunos surdos.

A questão oito disponibilizou espaço para relatos no que se refere à experiências com materiais didáticos na educação de alunos surdos, cinco professoras responderam e uma absteve-se.

*BÁRBARA: Cada material deve ser elaborado respeitando as especificidades de cada aluno.*

*EDNA: a falta de material específico para surdo é muito grande, daí a necessidade de que façamos adaptações dos materiais existentes, porém o que mais necessitamos, essencial em escola bilíngüe é a presença de um professor de Libras surdo.*

*ELIANA: é importante conhecer bem o material pedagógico previamente, principalmente os jogos – regras e objetivos.*

*LAURA: deveria ter mais cursos voltados à confecção de materiais didáticos para o processo ensino/aprendizagem de alunos surdos.*

*LÍVIA: a orientação visual ou em Libras do espaço físico da escola sempre é feita com materiais que se perderam, por isso este ano a gestora providenciará esta identificação em material permanente.*

Os relatos acima demonstram a realidade enfrentada pelas docentes na educação dos alunos surdos e seus esforços em estimular à aprendizagem dessas crianças. Certamente que vários provimentos são ainda necessários, como a contratação de professores surdos, escassa na rede pública de ensino, entretanto o empenho dessas professoras tem sido significativo na escola observada.

### 3.3 - ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

Durante a pesquisa foi possível verificar várias possibilidades de produção de materiais didáticos para a educação de alunos surdos (cf. anexo II). A escolha de cada tipo de material deve considerar o nível de desenvolvimento linguístico do aluno, sua capacidade de aquisição e compreensão de vocabulário. No caso de alunos surdos, o sugerido é que o material forneça estímulos visuais, preferencialmente em material concreto. Conforme mencionado no item 1.3 por Santos (2012), uma proposta de educação de surdos no ensino fundamental Fase I, deve considerar a produção de material didático específico.

A escola conta com um rico acervo de materiais produzidos com estratégias de estimulação dos alunos surdos, grande parte fabricada em madeira (mdf), ou a partir de recortes de jornais e revistas, papéis cartão, cartolina e crepom, materiais emborrachados (e.v.a), palitos de picolé, além de tecidos diversos, abaixo alguns deles:

O calendário com sinalização visual em Libras foi utilizado na sala de recursos para situar Ingrid e Luana quanto à passagem do tempo, estabelecendo rotina, através da identificação dos dias em que devem ir à escola, a chegada do fim de semana, definindo o hoje, o ontem, o amanhã. Já o calendário climático produzido em material emborrachado, tem estimulado as alunas a identificarem como está o clima, se chove, se faz sol ou se está nublado, ajudando-as se prepararem para ele.

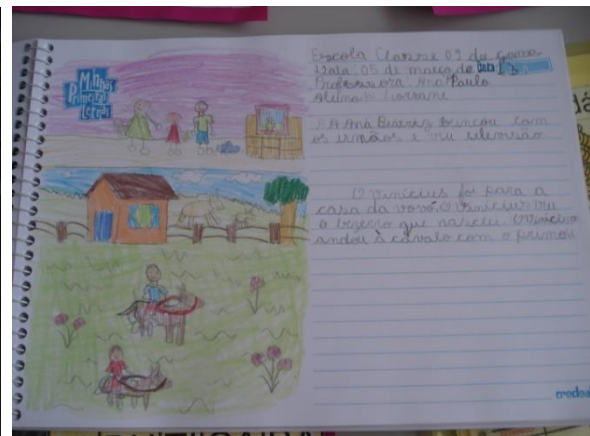


(cf. anexo II)

Na sala de recursos a utilização do espelho tem proporcionado consciência corporal e autoconhecimento das alunas. As professoras utilizam jogos como, quebra cabeça, memória, dominó, bingo, caixa surpresa, pois ajudam na estimulação e aquisição de vocabulário, são adaptados às disciplinas curriculares, com a conciliação de imagens e cores. O jogo soletrando produzido pelas docentes, através de recortes, tem ajudado as alunas na formação de palavras. Assim como o trabalho da escrita através de texto vivência com base em acontecimentos do final de semana da criança, acompanhado da ilustração do evento é uma opção criativa que vem sendo utilizado nesta escola na formação de pequenas frases.



(cf. anexo II)

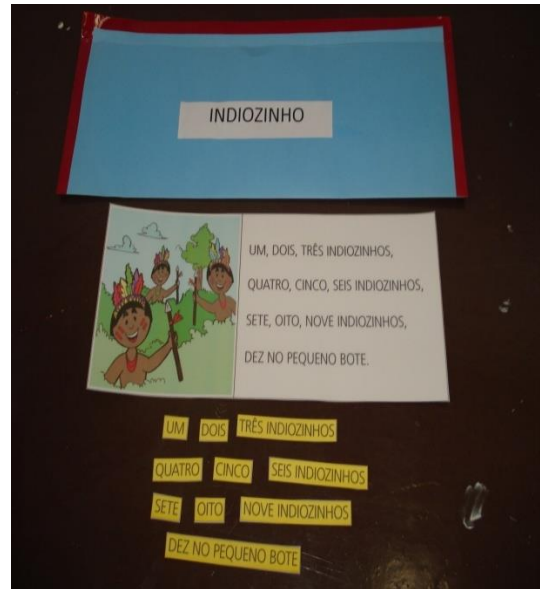


(cf. anexo II)

Atividades artísticas como desenhar, colorir, cobrir gravuras colando bolinhas de papel crepom, foram trabalhadas para o desenvolvimento da criatividade e coordenação motora de Ingrid e Luana. Na construção de frases utilizaram pequenos trechos de músicas infantis como a do “indiozinho”, por exemplo, onde existem duas frases idênticas, estando uma inteira e a outra separada por palavras, conforme ilustração abaixo.



(cf. anexo II)



(cf. anexo II)

As professoras contaram à Ingrid e Luana, pequenas histórias de modo sinalizado e lúdico, utilizaram dedochê (fantoche de dedo) e avental animado, onde o cenário e a posição dos personagens são modificados de acordo com o desenlace da história, opções criativas que podem ser aproveitadas por outras docentes. O trabalho com a dança, desenvolvido na escola tem ajudado no desenvolvimento de ritmo das alunas, sendo a letra da música sempre significativa.

Exibir pequenos filmes infantis com legenda é uma alternativa interessante utilizada pela professora Edna, que selecionava histórias compostas por cenas carregadas de dramatização e expressões corporais. Ao final, a docente correlacionava as palavras do português para Libras, buscando aumentar os vocabulários das estudantes.

Na sala de recursos eram utilizadas imagens de produtos e recortes de revistas, folhetos de supermercado e jornais para montar uma vendinha, simulando compra e venda, ajuda nos cálculos matemáticos, assim como faziam uso de material dourado ou palitos de picolé coloridos como apoio visual.



(cf. anexo II)

A professora Edna possui o hábito de trabalhar com Ingrid e Luana, atividades que envolvem higiene pessoal, importante na educação de surdos. Procurando colaborar com essa temática, a pesquisadora teve a oportunidade de desenvolver uma atividade, utilizando material produzido na disciplina Surdez, Cultura Surda e Aprendizagem do curso de especialização em Libras por Valéria Maria. Uma experiência valiosa, por perceber como o material visual de fato facilita e desperta o entendimento das alunas surdas e o quanto é valiosa a presença de professores comprometidos e responsáveis.



(cf. anexo II)



(cf. anexo II)

Ingrid e Luana em suas aulas de informática, que acontecem no LIED, têm acesso a jogos interativos desenvolvidos através de recursos tecnológicos, baseados em literaturas infantis, reforçando os conteúdos vistos em sala de aulas, mostrando-se bastante atrativas às alunas. Conforme mencionado no item 1.4 por Vilaça (2011), o entendimento de materiais didáticos digitais está ligado aos fabricados e publicados através de tecnologias digitais. Outros multimeios utilizados por Edna são as trocas de curtas mensagens com as alunas via celular, e navegações em sites de relacionamentos na internet, onde mantêm contato com outros alunos surdos que já estudaram na escola observada

A escola realizou um passeio a pontos turísticos e monumentos locais em comemoração ao aniversário de Brasília, oportunizando aos alunos visitarem o Museu e a Biblioteca Nacional de Brasília, a Terceira ponte e ao Parque da Cidade Sarah Kubitschek. A pesquisadora pôde acompanhar o passeio, percebendo o interesse das alunas surdas, em conhecerem a história da cidade onde moram.

A educação em seu processo evolutivo passou por transformações, atualmente a utilização dos materiais didáticos representa uma ferramenta pedagógica essencial no desenvolvimento de ensino/aprendizagem de alunos surdos, assim como os recursos tecnológicos aplicados à educação têm se mostrado atrativos, gerando mudanças nas maneiras de lecionar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão dessa pesquisa foi identificar quais materiais didáticos estão sendo utilizados na escolarização de alunos surdos e quais os resultados gerados. Sendo possível perceber que apesar da ainda limitada variedade de materiais disponíveis no mercado a produção é uma constante entre os professores ao perceberem as necessidades educacionais de seus alunos surdos.

Foi verificada na escola observada a qualificação profissional por parte das colaboradoras que estão envolvidas diretamente no ensino de crianças surdas, entretanto falta preparação dos demais membros que compõem a equipe escolar, sendo necessárias medidas urgentes, já que uma escola inclusiva deve reconhecer as individualidades de seus alunos, desenvolvendo práticas pedagógicas que mereça a todos.

O desenvolvimento linguístico de crianças surdas apresentará maior rendimento se estimulado precocemente, através de jogos e atividades, com o acompanhamento de profissionais qualificados e de pessoas com vínculo afetivo à criança. O atraso do desenvolvimento linguístico ocorre na maioria dos casos devido à falta de informação de pais ouvintes, com a negação da surdez, falta de interesse na educação do filho, com proibição da língua de sinais e imposição da fala.

A aquisição da Libras como língua materna de surdos vem sendo respeitada, conforme legislação vigente, o mesmo se aplica à presença de intérpretes de língua de sinais, apesar do número reduzido. A necessidade de aquisição da modalidade escrita da segunda língua se faz necessária uma vez que o surdo compartilha de uma segunda cultura, o que lhe proporcionará independência e acesso a informações da comunidade ouvinte em que convive.

A carência de professores surdos é outra realidade que atinge a todo meio educacional, a presença desses, oportunizaria a aquisição da Libras pelos alunos surdos, com maior eficácia. Além da motivação proporcionada por sua figura na questão do auto-reconhecimento como sujeito surdo e de sua cultura.

Educadores em geral, devem atribuir atenção às adaptações curriculares, no planejamento de suas atividades no ensino de alunos surdos, mostrando - se disponíveis para cursos de especialização, pois a profissão exige constantes reciclagens. Seus objetivos e métodos devem abranger a cada um dos discentes com atenção as suas peculiaridades. Discutindo propostas com outros professores, coordenação, pais, ouvindo opiniões, analisando as críticas, procurando sempre direcionar suas aulas a serem motivadoras e construtivas.

O avanço dos recursos tecnológicos tem influenciado positivamente no desenvolvimento das aulas, aumentando o leque de possibilidades também na educação de alunos surdos com a utilização de novos multimeios.

Foi percebido durante as observações no ambiente escolar que o material didático adaptado às especificidades do surdo o ajuda a estruturar o pensamento, a concretude e os estímulos visuais fornecidos pelo material permitem-no assimilar os conteúdos com maior naturalidade, evocando informações já armazenadas em sua memória. Dessa forma as disciplinas devem ser desenvolvidas utilizando-se de estratégias baseadas em uma linha de pensamento consistente, atrativa e lógica para o sucesso da aprendizagem do surdo.

A educação possibilita ao homem romper barreiras, apesar de sua limitação, pessoas surdas são igualmente capazes de aprender. No passado, a concepção de educação era para sobrevivência, com o passar do tempo percebeu-se que representa também desenvolvimento da vida social e intelectual. Todos nós, surdos ou ouvintes, somos frutos da educação que adquirimos ao longo do tempo e sua prática ultrapassa a escola.

Quanto à instituição pesquisada, está parabenizada pelo trabalho realizado com alunos surdos, pelas ações de inclusão e busca por qualidade de ensino desses estudantes. A realização dessa monografia mostra que a utilização de materiais didáticos com respeito às especificidades é indispensável na educação de surdos. Pretendeu-se com a presente pesquisa dar maior visibilidade a essa importante temática, incentivando novos estudos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 17**. Brasília/DF: 03 jul. 2001.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/02, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) > acesso em: 04 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 17 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CHAIBUE, K. A relação entre leitura e escrita da Língua Portuguesa na perspectiva da surdez. . In: **R. de Educação, Linguagem e Literatura da UEG** . 2010; v. 2, n. 1: p. 74-86.

EIZIRIK, M. F. Diferença e Exclusão: ou ... a gestação de uma mentalidade inclusiva. In: **Rev. da Educação Especial**. v. 4, n. 2, jul./out. 2008; p. 17-23.

FARIAS, S. S. P. & MAIA, S. R. O surdocego e o paradigma da inclusão. In: **Rev. da Educação Especial**. Jun/2007; p. 26-29.

GESSER, A. **Libras ? que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLBERT, C. S. **A evolução psicolinguística e suas implicações na alfabetização:** teoria, avaliação, reflexões. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

GONZAGA, A. Eles ajudam a integrar: materiais adaptados favorecem o aprendizado de alunos com deficiência, alguns podem ser feitos na escola. In: **R. Nova Escola**. Jun/Jul 2012.

GUARINELLO, A.C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

HAUTRIVE, G. M. F. & SOUZA, E. M. A escrita da língua de sinais como meio natural para a alfabetização de crianças surdas. In: **R. Educação Especial**. 2010; v. 23, n. 37: p. 181-194.

Haidt, R. C. C. **Curso de Didática Geral**. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

JUNIOR, J. F. H. & BABIN, B. & MONEY, A. H. & SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

LABORIT, E. O vôo da gaivota. São Paulo: Ed. Best Seller, 1996.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. In: **Cad. Cedes**. 2006; v. 26, n. 69: p. 163-184.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MANZINI, E. J. & DELIBERATO, D. **Portal de ajudas técnicas para educação**: equipamento e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos para comunicação alternativa, Brasília: MEC, SEESP, 2006.

MARQUES, R. **A escola e os pais**: como colaborar? 6. ed. Lisboa: Texto Editora, 1999.

PERLIN, G. & STROBEL, K. Fundamentos da educação dos surdos. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006. Disponível em: <  
[http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos\\_da\\_Educ\\_Surdos.pdf](http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos_da_Educ_Surdos.pdf) >. Acesso em: 2 mai. 2012.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. In: **R. Ponto de Vista**. 2003; n. 05: p. 81-111.

QUADROS, R. M. & CRUZ, C. R. **Língua de sinais**: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RIOS, T. A. Um espaço acolhedor. In: **Nova Escola**. Ago/Set 2011.

SANT'ANA, M. I. Educação Inclusiva: concepções de professores e diretores. In: **Psicologia em estudo**. 2005; v. 10, n. 2, p. 227-234.

SANTOS, A. V. & SARAIVA, P. F. & BREIA, P. N. A importância da neuroimagem no diagnóstico da Síndrome de Broucher-Neuhauser. In: **Acta médica Portuguesa**. 2003; 16: 193-195.

SANTOS, L. R. L. **Proposta para a educação de surdos**. Disciplina fundamentos históricos e sociológicos da educação de surdos do Programa de Pós Graduação em Libras - UCB, Brasília/DF, 2012.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2005.

SOUZA, R. M. & GÓES, M. C. R. O ensino para surdos na escola inclusiva: Considerações sobre o excludente contexto da inclusão. In: SKLIAR, C. (Org). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos: processos e projetos pedagógicos**. 3 ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2009.

STAINBACK, S. Considerações Contextuais e Sistêmicas para a Educação Inclusiva. In: **Rev. da Educação Especial**. Dez/2006; p. 8-14.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

VALENTINI, C. B. As novas tecnologias da informação e a educação de surdos. In: SKLIAR, C. (Org). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos: processos e projetos pedagógicos**. 3 ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2009.

VARELLA, D. **Doenças e Sintomas: Citomegalovírus**. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/sexualidade/citomegalovirus/>>. Acesso em: 2 mai. 2013.

VILAÇA. M. L. C. Materiais didáticos de língua estrangeira: aspecto de análise, avaliação e adaptação. In: **Rev. Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio**. Vol. VIII, N. XXXII, jan-mar/2010; p. 67-78.

VILAÇA. M. L. C. Web 2.0 e materiais didáticos de línguas: reflexões necessárias. In: **Cadernos do CNFL**, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/90.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/90.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2013.

## APÊNDICE



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Brasileira de Sinais

### Questionário 2

**Título da Pesquisa: “O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS COMO RECURSO PARA A APRENDIZAGEM DO SURDO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO COM BASE NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL”**

Responda à Tabela de acordo com a numeração:

- 0- Não se aplica
- 1- Aplica-se pouco
- 2- Aplica-se moderadamente
- 3- Aplica-se muito
- 4- Aplica-se totalmente

1) Os recursos materiais que a escola dispõe são suficientes para o atendimento aos alunos surdos?	0	1	2	3	4
2) Além dos recursos já existentes, você alguma vez buscou elaborar seus próprios materiais no ensino dos alunos surdos?	0	1	2	3	4
3) Existe apoio humano (auxiliares, intérpretes de Libras, psicólogo, fonoaudiólogo) para os alunos surdos na escola?	0	1	2	3	4
4) O apoio pedagógico que vem recebendo dos demais membros da equipe escolar é suficiente, garante a aprendizagem dos alunos surdos?	0	1	2	3	4
5) Você percebe interação entre os membros da equipe escolar no processo de ensino aos alunos surdos?	0	1	2	3	4
6) Os membros da escola possuem conhecimento em Libras?	0	1	2	3	4
7) A escola oferece alguma atividade de divulgação da Libras, da cultura surda que melhore a comunicação entre os alunos surdos e ouvintes?	0	1	2	3	4
8) Existe comunicação e cooperação dos alunos ouvintes para com os alunos surdos?	0	1	2	3	4
9) Você tem boa convivência com os alunos surdos?	0	1	2	3	4
10) Quanto ao espaço físico (secretaria, direção, banheiros, biblioteca, cantina, sala de vídeo, salas de aulas, etc..) possuem orientação visual ou em Libras?	0	1	2	3	4

- 01) Há quanto tempo leciona para alunos surdos? \_\_\_\_\_.
- 02) Qual(is) curso(s) realizou para trabalhar com os alunos surdos?
- 03) Possui algum curso direcionado à elaboração de materiais didáticos específicos para a educação de surdos? Qual(is)?
- 04) Qual valor atribui ao uso de materiais didáticos na aprendizagem do surdo?
- 05) Quais materiais didáticos já produziu para o trabalho com seus alunos(as) surdos(as)?
- 06) Qual diferença percebe no processo de ensino/aprendizagem de alunos surdos quando utiliza materiais produzidos com base em suas especificidades se comparado ao uso de materiais de ouvintes adaptados para surdos?
- 07) Como julga a utilização dos multimeios (livros, jornais, revistas, vídeos legendados, mensagens de celulares, computadores, internet, etc ) na educação de surdos?
- 08) Espaço aberto para relatos, dicas e observações, no que se refere a materiais didáticos no processo de ensino/aprendizagem de alunos surdos.

**O uso de materiais didáticos adaptados como recurso para a aprendizagem do surdo no ensino fundamental: um estudo com base no contexto de uma escola pública do Distrito Federal.**

Pós - Graduada: Marília Gabriela da Silva (UC11200611)

Pós – Graduação *lato sensu* em Libras

Universidade Católica de Brasília (UCB) - Campos I - QS 07 Lote 01 EPCT – CEP 71.920-540  
Taguatinga - DF

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**O uso de materiais didáticos adaptados como recurso para a aprendizagem do surdo no ensino fundamental: um estudo com base no contexto de uma escola pública do Distrito Federal**” desenvolvida pela pesquisadora Pós - Graduada Marília Gabriela da Silva do Curso *lato sensu* em Libras da Universidade Católica de Brasília sob orientação da Profª. MSc. Layane Rodrigues de Lima Santos. Tal pesquisa visa incentivar a pesquisa, aumentando esforços no desenvolvimento de novos materiais e recursos que ampliem e qualifiquem as possibilidades de aprendizagem dos alunos surdos.

Como metodologias de pesquisa serão feitas observações das aulas e coletas de questionários e/ou entrevistas. Será esclarecida durante a pesquisa a natureza dos procedimentos, bem como será assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais. Entretanto, ressaltamos a possibilidade de recusa quanto a responder determinada questão proposta ou desistir de participar da pesquisa. Os resultados serão divulgados por meio da redação de uma monografia com data provável de defesa em Junho de 2013, bem como divulgação por meio de comunicações em congressos ou em artigos científicos.

Os dados ficarão guardados com a própria pesquisadora.

**Contatos/Informações:** Pesquisadora: Pós - Graduada Marília Gabriela da Silva (Matríc.:UC11200611)

E-mail: gabigabolla@gmail.com

Orientadora: Profa. MSc. Layane Rodrigues de Lima Santos (Matrícula: 9655)

E-mail: layanel@gmail.com

---

Pesquisadora: Marília Gabriela da Silva

DATA: / /

---

Assinatura do colaborador (a).

DATA: / /

## ANEXO I

A - cadeira



B - mesa



C - lâmpada



D - janela



E - armário



F - lixo



G - porta



H – armários e livros



I – numerais em Libras



J - livro



L - lousa



M – quadro pintado com ajuda das alunas



## ANEXO II

## A- Calendário



## B – Calendários climáticos



B



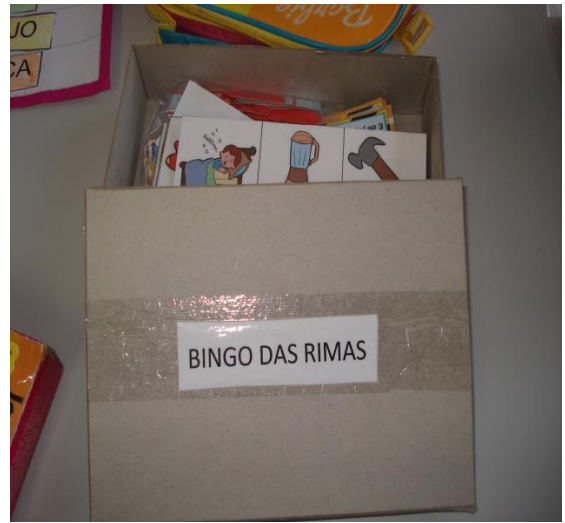
B



E - Bingos



E



E

F - Caixa Surpresa



F

G – Cartão conflito



G

H - Soletrando



H



H



H



H



H



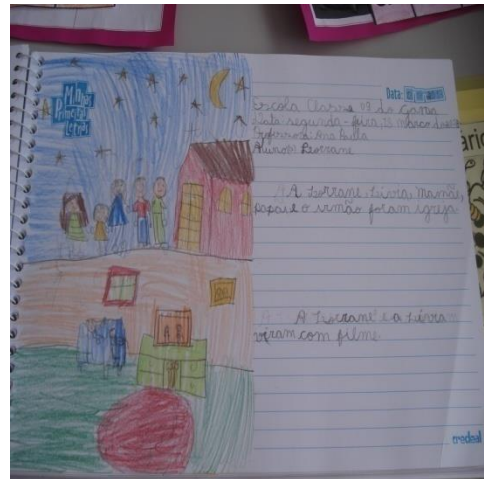
H

I-Texto vivência

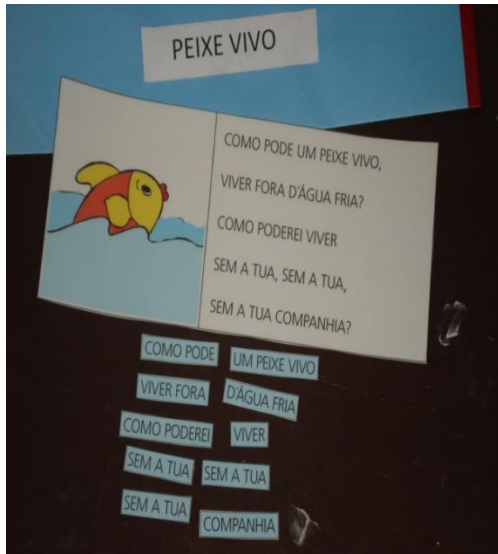
I



I



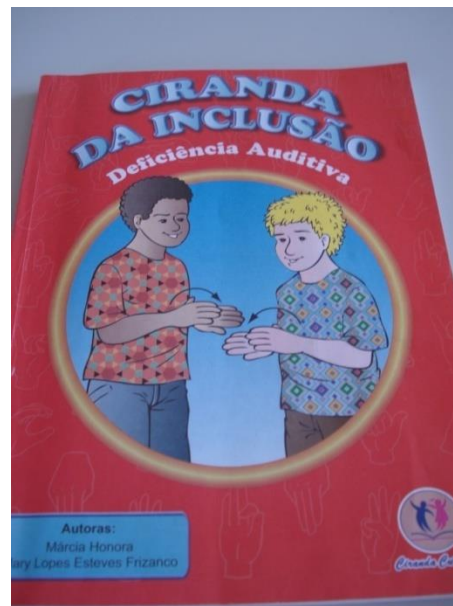
J – Música Infantil



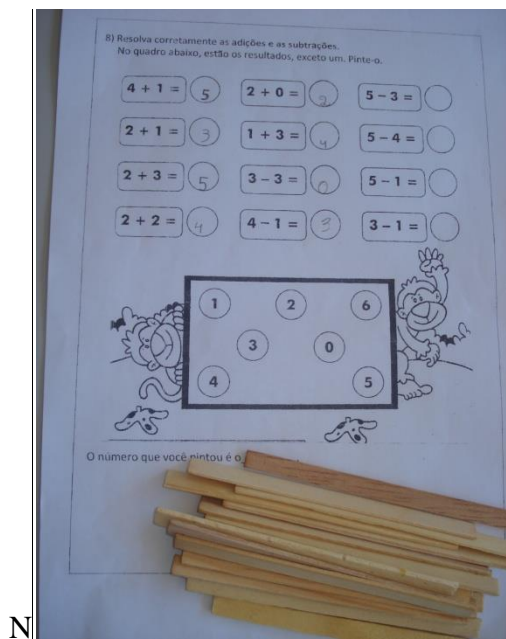
L – Avental animado



M – Livros



## N – Materiais envolvendo numerais e cálculos matemáticos



N

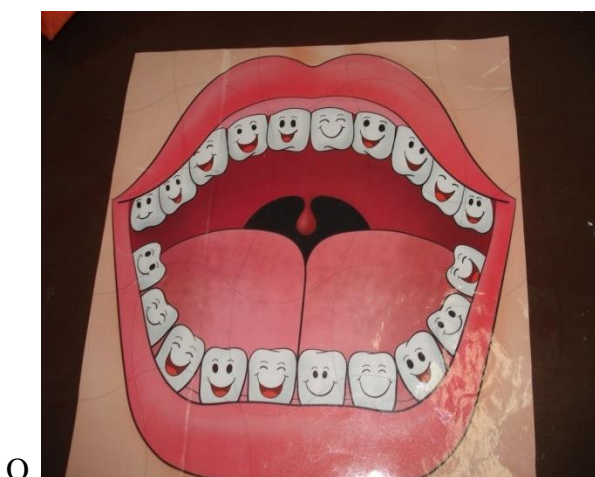


N



N

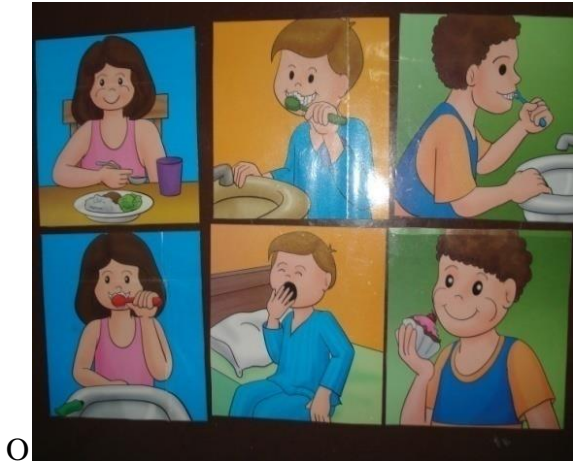
## O – Hábitos de higiene pessoal



O

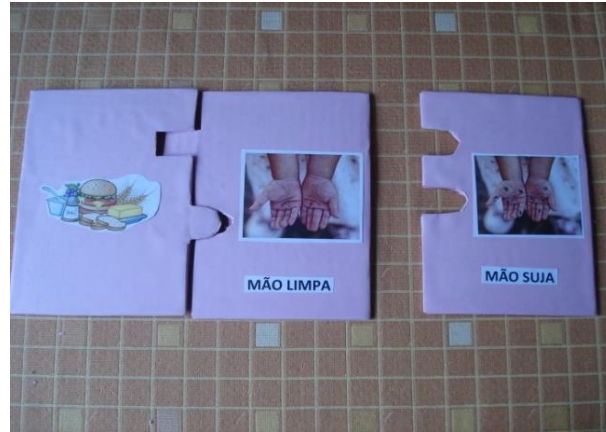


O



P – Atividade elaborada na disciplina de Surdez, Cultura Surda e Aprendizagem do curso de especialização em Libras por Valéria Maria.





P



P



P